



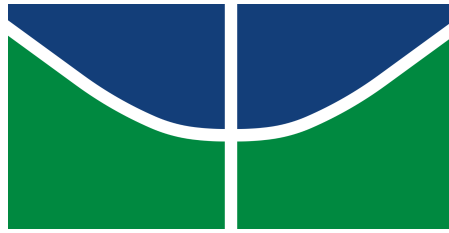
Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisual e Publicidade  
Habilitação em Audiovisual

MARIANA LEITE LEMOS

**DÁ LEMBRANÇA**

Realização de um documentário autobiográfico e participativo como registro de história familiar

BRASÍLIA, BRASIL  
Julho de 2023



## **DÁ LEMBRANÇA**

Realização de um documentário autobiográfico e participativo como registro de história familiar

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Audiovisual e Publicidade da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Prof.a Dr.a Mariana Souto

Brasília  
Julho de 2023

MARIANA LEITE LEMOS  
**DÁ LEMBRANÇA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Audiovisual e Publicidade da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em comunicação social com habilitação em Audiovisual.

Brasília, 21 de Julho de 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.a Dr.a Mariana Souto de Melo Silva  
Orientadora

---

Prof.a Ma. Emília Silveira Silberstein  
Membro 1

---

Prof.a Dr.a Lila da Silva Foster  
Membro 2

---

Prof.a Dr.a Mariana Ferreira Lopes  
Suplente

Dedico este trabalho à minha mãe e as minhas avós, por serem mulheres extraordinárias e terem construído um caminho resistente e com amor.

## AGRADECIMENTOS

Ter a oportunidade de cursar Comunicação Social e concluir este ciclo realizando um filme que conta tanto sobre pessoas que amo e que fazem parte da minha história foi um grande presente. Sou muito grata!

À minha mãe por ter me ensinado a ser uma mulher forte e com coragem, sou muito grata por todo amor e ensinamentos, eles me fizeram caminhar até aqui. Obrigada por sempre me incentivar a seguir com fé, mesmo em meio às adversidades.

Às minhas avós, presentes na história deste filme, e principalmente em minha vida, Vó Josefa e Vózinha, amores para minha vida toda.

Às minhas irmãs, Maria Carolina e Ane Emanuele, e as minhas primas em especial, Jaciara e Simone, e minha família que constantemente me apoiou, obrigada por todo amor.

Às minhas grandes amigas Keity Naiany, Júlia Rios e Luiza Chagas, estamos juntas desde o primeiro dia de aula na UnB, o dia onde as dúvidas e empolgação eram maiores que tudo. Obrigada por construir junto comigo um caminho mais lindo e repleto de aprendizados.

Às minhas amigas mais antigas, que estão comigo antes mesmo da universidade, Adrielle Custódio, Luiza Dias e Ana Helena Resende, vocês foram muito importantes nessa caminhada e além dela. Obrigada pela constância e aprendizados.

À Keity Naiany um agradecimento especial pela parceria na edição deste projeto tão importante e pessoal, com tanta delicadeza e carinho além de um profissionalismo enorme, meu muito obrigada!

Aos amigos que fiz na FAC, em especial Alice Aquino, Brendo Santos, Ester Macedo, Peter Henry, Catarina Xavier, Lívia Farias, Analu Campos, Silvana Sousa, Carol Leão, Thaís Oliveira e Helô Schons.

À Alice Aquino que percorreu o caminho desta graduação comigo e nesta reta final possibilitou a realização deste projeto juntamente com Larissa Barbosa, que construíram junto a mim partes deste projeto.

À minha orientadora Mariana Souto, pela paciência, delicadeza e gentileza em me orientar neste projeto tão importante que concluiu um ciclo.

À Pupila Audiovisual por ter sido um local de aprendizados e onde fiz muitas amizades.

À equipe da produtora Trupe do filme principalmente, Ana P. Araújo, Gui Monteiro e João de Castro, por terem me incentivado e apoiado neste trabalho, além dos ensinamentos no universo audiovisual e na vida. Muito obrigada!

Às minhas professoras e professores na FAC que foram essenciais para essa caminhada cada um a seu modo e maneira, trazendo reflexões sobre o audiovisual e também sobre a vida, em especial a professora Rafiza Varão com a qual cursei uma disciplina ainda no começo do curso, mas me fez seguir refletindo sobre a ética no trabalho e na vida.

À professora Emília Silberstein um duplo agradecimento, por ter sido orientadora no início da minha proximidade com documentário e em diversos momentos durante a graduação com a gentileza que lhe é característica, e agora por estar em minha banca examinadora.

Agradecimento especial às professoras Emília Silberstein, Lila Foster e Mariana Lopes, por terem aceitado fazer parte da minha banca, um momento único em minha trajetória, muito obrigada!

Ao Núcleo Técnico Audiovisual da FAC, especialmente, Letícia Bispo, Daniel Caixeta e Leonardo Nascimento, por ensinarem e darem apoio em diversas produções ao longo deste curso.

À direção da Faculdade de Comunicação em especial, a diretora Dione Moura por se dedicar à qualidade do nosso aprendizado, mas principalmente com a nossa saúde enquanto indivíduos, isso é muito importante.

Agradeço ao ensino público de forma geral, e em especial às escolas públicas em que estudei e aos professores que ali estiveram e fizeram parte da minha formação. Eu acredito no ensino público e em todas as possibilidades de crescimento através dele. A educação é a chave para a construção de um amanhã e um hoje mais justo.

À Universidade de Brasília, local onde passei boa parte dos últimos cinco anos, de forma presencial e remota, mas sempre com muitas oportunidades de evolução como estudante, profissional e ser humano.

## RESUMO

O presente trabalho busca descrever o processo de realização de um curta-metragem documental e de cunho autobiográfico realizado de forma participativa, chamado *Dá Lembrança*. O principal objetivo foi a realização do documentário, desde a fase de pesquisa, criação, gravação até a sua finalização, com a busca de compreender e registrar a importância da história oral através da memória, tendo como personagens as avós da diretora, Josefa e Ananília. O filme foi gravado no estado do Piauí, nas cidades de Corrente e Santa Filomena, e coloca como prioridade o registro sensível e o olhar para a representação das mulheres, por meio da linguagem audiovisual.

**Palavras-chave:** Documentário. Memória. Avós. Mulheres. Audiovisual.

## ***ABSTRACT***

*The present work seeks to describe the process of making an autobiographical documentary short film carried out in a participatory way. The main objective was the making of the documentary *Dá lembrança*, from the research, creation, recording phase to its completion. With the aim of understanding and registering the importance of oral history through memory, having as characters the director's grandmothers, Josefa and Ananília. The film with recordings made in the state of Piauí in the cities of Corrente and Santa Filomena, prioritizes the sensitive record and the look at the representation of women through audiovisual language.*

***Keywords:*** *Documentary. Memory. Grandmothers. Women. Audiovisual.*



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Protótipo stop motion.....	36
Figura 2- Stop motion trajeto.....	37

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Surgimento da Ideia.....	11
1.2 Objeto de estudo.....	13
1.3 Pergunta de Pesquisa.....	14
1.4 Objetivos da Pesquisa.....	14
1.5 Justificativa.....	14
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
2.1 Documentário como gênero.....	16
2.2 Documentário Participativo.....	17
2.3 Um ponto de vista feminino.....	19
2.4 Escrita de Si.....	21
2.5 Documentário como Memória.....	22
2.6 Uso de imagem de arquivo.....	24
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 Referências audiovisuais.....	27
3.2 Título.....	27
3.3 Roteiro.....	28
3.3.1 Personagens.....	29
3.4 Viagem e Gravações.....	30
3.4.1 Entrevista.....	31
3.4.2 Narração.....	33
3.4.3 Equipe.....	34
3.5 Pesquisa e seleção de imagem de arquivo.....	34
3.6 Stop motion.....	35
3.6.1 Direção de Arte Stop Motion.....	36
Figura 1- Protótipo stop motion.....	36
Figura 2- Stop motion trajeto.....	37

3.7 Som.....	37
3.7.1 Aspectos técnicos do som.....	39
3.8 Montagem.....	39
3.8.1 Decupagem e aspectos técnicos da edição.....	40
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>FILMOGRAFIA.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>46</b>
APÊNDICE A - Logline.....	46
APÊNDICE B- Argumento.....	46
APÊNDICE C- Roteiro da Entrevista.....	46
APÊNDICE D- Lista de Equipamentos.....	47
APÊNDICE E - Roteiro Literário.....	48

## 1 INTRODUÇÃO

Neste memorial será abordada a realização do curta-metragem documental “Dá lembrança” começando da concepção da ideia, objeto de pesquisa, pergunta de pesquisa, objetivos, justificativas, e metodologia. Neste trabalho também são relatados os processos para realização do filme em si, desde suas referências audiovisuais, a construção do roteiro antes e após as gravações, bem como a estrutura e planejamento para realização das gravações (que foram feitas no estado do Piauí), a pesquisa de imagens de arquivos e a finalização do filme.

O documentário propõe uma abordagem sobre a história de vida de Dona Ananília e Dona Josefa, minhas avós materna e paterna. O filme combina dois formatos, sendo um trecho do documentário realizado por meio de entrevista com minha avó Josefa e outra parte realizado por meio do uso de fotos de arquivo junto a contação da história no formato de uma carta em áudio sobre minha avó Ananília, *in memoriam*.

Os eixos temáticos que são abordados neste memorial vão desde a compreensão sobre o gênero documental, caminha pelo entendimento de memória atrelada à realização de um documentário e com uso de imagens de arquivo. Também conta com a presença da pesquisa e realização a partir de um ponto de vista feminino para construção de um curta-metragem como registro de história familiar.

### 1.1 Surgimento da Ideia

A ideia surge a partir da vontade de uma neta de entender e manter viva a história e memória de suas avós. O filme é realizado a partir de uma viagem de Brasília ao Piauí, terra das personagens, e é conduzido por meio de uma entrevista- conversa com minha avó Josefa e uma carta-áudio enviada para minha mãe contando sobre a história de minha avó Ananília, mãe de minha mãe, já falecida. Com a busca e resgate da origem da história das famílias, memórias que já pareciam esquecidas foram lembradas a partir de relatos próprios e relatos de pessoas próximas.

O projeto do filme surgiu do desejo de saber a origem da família e de onde vieram essas mulheres das quais descendem tantas outras pessoas, mulheres essas que contam a história da cidade onde formaram suas famílias e por onde passaram - alguns locais que nem existem mais (pelo menos não com os nomes que tinham na época), e que são parte da história do estado do Piauí.

O pensamento de documentar a história da família sempre foi presente. Desde muito nova quando tive acesso a uma câmera mesmo que de celular, houve o interesse por registrar em foto e em vídeo sobre o cotidiano e não somente eventos tidos como especiais. Nos últimos anos tenho percebido o quanto de mim vem do outro, e mais especificamente a semelhança comportamental com minhas avós, materna e paterna. Entre conversas e observações este sentimento de entender de onde vieram estas mulheres, como foi sua juventude para além de serem minhas avós ou mães de alguém, só cresceu. Minha avó materna Ananília faleceu há seis anos, e os últimos anos de vida foram morando junto comigo e minha mãe. Na época, além da saudade e do luto, ficou o sentimento de não ter como chegar até ela mesmo vendo um vídeo, pois os registros eram escassos ou de baixa qualidade visual.

Em 2019 já no curso de audiovisual participei da disciplina de Documentário 1 e naquele momento tive um encontro com o universo dos documentários e suas múltiplas possibilidades. Juntamente no mesmo período surgiu a oportunidade de realizar um documentário com tema relacionado aos direitos humanos através do concurso 70 Olhares sobre direitos humanos<sup>1</sup> realizado pelo Instituto Cultura em Movimento para o qual realizei junto a minha equipe meu primeiro documentário como produtora.

Em 2021, em meio à covid19, observando como o mundo estava sendo afetado não só por uma pandemia, mas também pelo efeito de notícias falsas, comecei a refletir sobre como a nossa história deve ser contada: a melhor fonte de informação para nossa história somos nós. Quem iria contar a história de minha avó Josefa tão bem e detalhadamente como ela? Ninguém. O documentário possibilita isso, que a história seja contada sem barreiras e pelas próprias pessoas, mesmo que com recortes.

A escolha pelo formato documental veio da reflexão que quando se realiza um documentário se tem a oportunidade de acessar informações antes desconhecidas, pois a partir de uma pergunta se chega a outra e com elas respostas inesperadas. A possibilidade de ter o registro com a história sendo contada por quem a viveu é de um privilégio sem tamanho. Além disso, a possibilidade de dizer muito sem falar nenhuma palavra, somente através de imagens, é muito rica.

Este filme é sobre a preservação da memória e história onde as personagens Dona Josefa e Dona Ananilia são representadas ora por sua voz, no caso da personagem Josefa, ora

---

<sup>1</sup> Pode ser acessado mais informações sobre o projeto 70 olhares sobre direitos humanos em: <http://radio.ufpa.br/index.php/ufpa-noticias/70-olhares-sobre-os-direitos-humanos-seleciona-roteiros-de-estudantes/>. Acesso em: 28 maio.2023.

por sua história e registros, quando falando sobre a personagem Ananília. A representação feita dessas mulheres com a tentativa de ao máximo não negligenciar a vivência que tiveram e não serem figurantes ao contarem suas histórias, e sim protagonistas.

Em determinado período com a presença de minha avó Ananília morando em minha casa e observando o envelhecer, eu já maior, comecei a entender o ciclo da vida e que infelizmente as avós não são infinitas. Escrevo isso com os olhos cheios de lágrimas, a saudade vem forte. Registrei a presença de minha avó em muitas fotos na tentativa de guardar cada expressão dela para sempre, na época filmagens não foram feitas e por isso a ausência de registros em vídeos como recordação dela. Já minha avó Josefa, atualmente com 82 anos, se apresenta sempre com uma facilidade em contar histórias e lembrar fatos antigos com uma riqueza de detalhes impressionante. Herdei dela essa característica de memória forte.

Conhecer e reverenciar de onde elas vieram para entender de onde se inicia a partida para onde estamos hoje, de onde vem os sotaques que marcam toda a comunicação, o rico conhecimento das plantas medicinais, que aprendi com minha mãe e que ela aprendeu com minha avó. É um conhecimento ancestral e que me ensina diversas coisas prática e poeticamente, mas uma delas é a relação de respeito com a natureza, ela nos dá tudo, se soubermos utilizar dela e cuidar, viveremos bem muitos anos. A origem das raízes para formação de uma família grande e que percorreu alguns estados do Brasil em diferentes épocas, épocas essas diferentes do hoje, mas ao mesmo tempo tão semelhante com problemas tão iguais e realidades complexas como a seca de 1932.

## **1.2 Objeto de estudo**

O objeto de estudo deste trabalho é um documentário em curta-metragem autobiográfico com todas as suas etapas, desde a pré-produção, realização e finalização. Documentário este que se utilizará de múltiplas formas de linguagens visuais e sonoras.

As bases para a construção deste objeto estão em pesquisa sobre o gênero documental e retratos de família, com apoio de leituras de autores como Bill Nichols, Ana Clara Campos dos Santos e Christina Musse, Manuela Penafria, Cláudia Mesquita. Este objeto conta com pesquisa sobre o tipo de documentário participativo, que tem nas personagens protagonistas e a diretora (avós e neta), a conexão para construção do fio condutor da narrativa. Esta pesquisa traz a importância de preservação da memória e do documentário como ferramenta para ela.

### **1.3 Pergunta de Pesquisa**

A pergunta de pesquisa pode ser apresentada com destaque para três questões que vão auxiliar a estabelecer o caminho percorrido pela pesquisa:

De que modo o documentário autobiográfico pode estabelecer um resgate da memória familiar?

Como a construção de um documentário participativo familiar pode ser feita de forma a contribuir para a independência da história da mulher?

Como o documentário é ferramenta para essa reflexão e para a preservação da memória familiar?

### **1.4 Objetivos da Pesquisa**

A presente pesquisa tem como objetivo levantar informações e conquistar memórias da história de minhas duas avós que nunca foram registradas e pouco faladas. Assim sendo feita a realização de um documentário autobiográfico familiar, desde sua pré-produção com a pesquisa, roteirização, produção quanto realizando as gravações, e no momento de finalização com a edição do material.

A finalidade é a partir deste formato documental com o uso da linguagem de imagem e som, registrar e dar importância a trechos que antes eram vistos como banais por serem do cotidiano. O filme pretende abordar a realidade da vida de duas mulheres que nasceram e cresceram em outro período histórico, as dificuldades que enfrentaram ao longo da vida por serem mulheres, e por isso estabelecemos a perspectiva de gênero.

A partir desses objetivos compreender a produção de um documentário em curta-metragem na categoria de documentário participativo. O que permite a reflexão sobre as múltiplas formas de realização para um filme documental por meio de entrevista e uso de material de arquivo, para assim comunicar e aprimorar os aprendizados em cada parte do processo para construção de um filme.

### **1.5 Justificativa**

A escolha de realizar um documentário como trabalho de conclusão de curso veio como uma opção para concluir um ciclo dentro do audiovisual de maneira prática realizando um curta-metragem. A partir desta escolha de formato está incubida a dificuldade de encontrar em algo tão pessoal a utilidade para a comunidade acadêmica em importância para

pesquisa, levando em consideração que o tema parte de uma inquietação minha de saber qual a história das minhas avós.

O documentário foi escolhido por ser o formato que mais possibilitaria entender a perspectiva de gênero presente na obra, possibilitando a oportunidade para que as personagens se expressassem e fossem ouvidas, e conhecendo como era a vida real das mulheres em uma geração, com a consciência de ser a partir da história de minhas avós, em contextos diferentes do qual eu vivo. E com escolha do elo de minha mãe como personagem também presente no filme para construir o entendimento da vivência de gerações com possibilidades distintas. Três gerações de mulheres.

Partindo do princípio que conhecer nossa história é conhecer a história de quem temos próximo há de se compreender a importância da vontade para saber a história de duas mulheres que fazem parte de minha vida. As minhas avós viveram boa parte de sua vida em outro tempo e em contextos diferentes de Brasil, logo as suas trajetórias podem contribuir para a pesquisa no âmbito documental, bem como no âmbito da pesquisa sobre período histórico da década em que nasceram como história contada, a qual tem valor inestimável.

Dona Ananília e Dona Josefa nasceram respectivamente nos anos de 1933 e 1941, na época as mulheres já tinham o direito ao voto no Brasil, uma conquista do movimento feminista. Entretanto, na prática as mulheres pouco tinham acesso à escolaridade, algo básico. A minha avó Josefa estudou pouco mais de um mês quando criança, ela queria ter estudado mais. Dona Ananília estudou mais do que um mês, mas não chegou a completar o ano letivo. O casamento para se ter acesso a uma vida melhor, à época, parecia ser uma boa - e quase a única - opção. As possibilidades disponíveis em décadas anteriores parecem simples olhando a partir do que se conhece hoje, mas para a época eram valiosas quando se tinha acesso a elas.

As personagens deste filme se destacam, para essa indagação, pois trazem um retrato do Brasil profundo onde muitas mulheres quando crianças quiseram estudar e ter acesso a outras oportunidades, mas não obtiveram. Estas mulheres viviam em uma corrida desigual em relação às grandes capitais, pois nas cidades de interior, principalmente na região nordeste do Brasil, o retrato não era o mesmo.

A importância da construção da memória sobre as pessoas com elas mesmas, que não estarão sempre aqui fisicamente, e que através da história oral poderão estar presentes. Como escrever sua história em um tempo onde as mulheres tinham suas escolhas feitas por terceiros? Como era ser mulher naquela época? É muito diferente de ser mulher hoje? Quantas histórias que parecem banais devem ser registradas para uma memória que pode alcançar as diversas distâncias a partir do registro de quem de fato as conta?



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Documentário como gênero

É importante para compreensão da fundamentação teórica deste trabalho trazer a definição do termo Documentário. Entretanto, o documentário é um conceito que até hoje não se tem uma conformidade sobre sua definição, pois o entendimento é feito a partir do parâmetro com outros termos e têm a sua construção agregada a mais informações em novos estudos. Segundo Bill Nichols “é o que poderíamos chamar de conceito vago” (2010, p. 48), um termo livre e impreciso.

A semelhança que se tem entre um documentário e o que é vivido na realidade é o que se faz ter maior facilidade para o entendimento do termo iniciando associação com algo que é tangível, o mundo que vivemos :

Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, do tom ou do ponto de vista que instila. Esperamos mais da representação que da reprodução (NICHOLS, 2010, p. 47).

Existe a ponte entre o real e o que é registrado, a tendência é que se pense que o documentário é um retrato fiel da realidade, quando na verdade é uma representação, um recorte, e não necessariamente fiel, da realidade. Este recorte se firma na possibilidade de representar a realidade, e segundo Manuela Penafria (2003) pode-se entender o que é importante para o documentário, para além de uma definição:

A realidade é complexa e exige o uso de recursos cinematográficos variados. Na diversidade, a comunidade documentarista (que inclui os próprios cineastas, os espectadores e todos os que de algum modo se interessam/trabalham o gênero) encontra-se ligada pela ideia (mesmo que mal definida) de que é possível representar a realidade. Essa representação não obedece, obrigatoriamente, a regras de gêneros. O que é consensual é que o seu material de trabalho são as imagens ou os sons recolhidos in loco. Para a comunidade documentarista o importante é a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo (as imagens/sons que nos apresenta dizem respeito ao que é exterior a elas). O registro do mundo e a reflexão desse mundo têm no documentário um lugar privilegiado (PENAFRIA, 2003, p. 5).

A vida em sua pluralidade tem um lugar essencial para compor o que conhecemos como documentário, e como organismo em constante mudança, é fonte inesgotável.

As formas de se realizar um documentário podem variar, não são formas engessadas, e isto pode influenciar no resultado final partindo do entendimento que não é uma estrutura estática e passa por diversas alternâncias desde sua construção, no planejamento, até sua fase final com a exibição:

Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam (NICHOLS, 2010, p. 48).

O documentário tem em seu eixo central a característica de ser mutante e estabelece possibilidades para diversas formas de se realizar. Isto faz dele um formato que se constrói e se adapta todos os dias, e mais, que permite que diversos olhares possam ser apresentados, pois sua forma é fluida e a partir dessa forma pode atuar como ferramenta de auxílio para comunicar sobre diferentes temas em diferentes abordagens do recorte do real, conforme Penafria (2003) esclarece:

No nosso entender, a zona de fronteira a que o filme documentário parece estar votado é também uma zona de confluência e, por isso, reveste-se de uma riqueza, não só de conteúdos mas, também, de formas filmicas (PENAFRIA, 2003, p. 5).

Ainda que não sirva somente a este propósito, o documentário tem em si desde os primórdios do cinema segundo Consuelo Lins “uma função nobre a cumprir: a de representar o real” (LINS, 2007, p. 227). E avalio que a partir da compreensão da forma de se pesquisar e se realizar um documentário com a construção de um conceito flexível e acolhedor, é possível se afirmar que não somente, mas também, o documentário é caracterizado pela subjetividade presente na representação desse real.

Em *Dá Lembrança*, o documentário foi entendido a partir da obra de Bill Nichols, Manuela Penafria e Consuelo Lins, que trazem importantes caminhos para a construção da percepção fluida e da variedade do documentário como gênero. Essas referências deram base para construção da pesquisa e realização deste filme.

## **2.2 Documentário Participativo**

Na obra de Bill Nichols são abordados seis modos principais de se realizar documentário, categorizados como: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Para compreensão deste trabalho será utilizado o modo participativo, por melhor se unir a construção da conceituação de *Dá lembrança*.

Nichols apresenta a definição do modo participativo de documentário, a partir de estudo considerando o padrão mais recorrente na realização de documentários ditos como participativos. O autor traz de maneira esclarecedora: “No documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, ou o cineasta, está lá em nosso lugar.” (NICHOLS, 2010, p. 155)

De maneira mais específica, é possível definir o documentário participativo como aquele ao qual não se tem acanhamento da proximidade que o cineasta tem com o tema e como pode interferir sendo um participante de fato junto aos personagens. Em *Dá lembrança* é perceptível a interação entre a diretora e a personagem entrevistada quando se pergunta e concorda sobre algo, e até o momento que a diretora entra em quadro para entregar um objeto à personagem. Nichols traz esse pensamento:

O documentário participativo tomou forma com a percepção de que os cineastas não precisavam disfarçar a relação íntima que tinham com seus temas, contando histórias ou observando acontecimentos que pareciam ocorrer como se eles não estivessem presentes (NICHOLS, 2010, p. 137).

Ao buscar entender o documentário participativo é interessante que o espectador se coloque no lugar próximo ao do cineasta, o lugar onde se vê e se ouve como participante. Uma das abordagens frequentemente adotadas no documentário é a entrevista, um meio comum em documentários participativos de aproximação com a personagem:

Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem (NICHOLS, 2010, p. 160).

Ao se utilizar da entrevista é possível que se obtenha um processo mais orgânico, pois o ato de entrevistar se encontra para além de uma conversa, mas não chega a ser um interrogatório, como descreve Nichols (2010, p. 160) sendo este um formato popularmente conhecido como parte da prática documental.

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que as estruturam. As entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico ou sociológico (NICHOLS, 2010, p. 161).

A entrevista possibilita acessar informações que uma conversa cotidiana não forneceria. O cineasta ao se colocar lado a lado da personagem, mesmo sem conhecer um fato, revela neste ato a possibilidade de se vivenciar o ocorrido mesmo que somente através dos relatos daquela história ou fato, contado através de uma das formas mais antigas de registro da história, a história oral.

Os cineastas que buscam representar seu próprio encontro direto com o mundo que os cerca e os cineastas que buscam representar questões sociais abrangentes e perspectivas históricas com entrevistas e imagens de arquivo constituem dois componentes importantes do modo participativo. Como espectadores, temos a sensação de que testemunhamos uma forma de diálogo entre cineasta e participante que enfatiza o engajamento localizado, a interação negociada e o encontro carregado de emoção. Essas características fazem o modo participativo do cinema documentário ter um apelo muito amplo, já que percorre uma grande variedade de assuntos, dos mais pessoais aos mais históricos (NICHOLS, 2010, p. 152).

O lugar que se ocupa no momento de realização de uma entrevista, como cineasta, e o local do entrevistado, como personagem, constituem o momento por si só como momento único de troca.

### 2.3 Um ponto de vista feminino

A partir do momento em que as mulheres passam a dirigir os filmes, o olhar sobre os corpos femininos muda, e em *Dá lembrança* é possível se trazer essa análise, pois é um filme dirigido por uma mulher e que fala sobre outras mulheres, de diferentes gerações, e através do modo participativo do documentário.

A forma como esta representação ocorre através do olhar empregado pela cineasta, uma mulher, realizando a direção, seja durante a entrevista ou no momento de finalização do filme, é diferente. A diretora que se coloca como participante, pode se dispor a ser a quebra de um estereótipo que já ocorre há muitos anos, criando assim a possibilidade de alcançar um resultado mais fidedigno na representação das personagens. A representação ocorre através da forma de aproximação que é realizada e possibilita alcançar uma autenticidade.

O diferencial presente em uma obra construída através do olhar de uma mulher sobre outras mulheres, com o reconhecimento de seu local de fala, é também referente ao ideal de beleza que se prega e se cobra das mulheres, como sinônimo de perfeição ao se manter sempre jovem. O envelhecer é natural do ser humano, e todas as marcas de expressões presentes contam uma história seja ela de um momento específico, como uma cicatriz, ou como uma ruga, explica a passagem do tempo.

Na realização de *Dá lembrança* é concedida a possibilidade de compreensão sobre como representar as mulheres, sendo as protagonistas deste filme mulheres mais velhas, sem tentar disfarçar ou modificar a imagem das personagens como ocorre em outras obras, que é algo construído socialmente, como Marina Tedesco (2014) explicita:

E, se nos indivíduos associados à construção social denominada sexo feminino é a beleza que importa, é fundamental lembrarmos que esta beleza equivale à aparência da juventude, um padrão que se estabelece no audiovisual em Hollywood no final dos anos 1910. A exigência da beleza é simultaneamente a exigência de juventude...

No cinema, até 1940, a idade média das estrelas femininas era de 20-25 anos, em Hollywood (TEDESCO, 2014, p. 122-123).

A técnica empregada ao gravar uma cena, seja por meio da fotografia, direção, ou outra área do filme, pode influenciar ou até mesmo estabelecer como será feita a representação da mulher na tela. Marina Tedesco (2014) traz uma explicação referente a forma como as mulheres são representadas na tela de cinema em diferentes gêneros e isso diz muito sobre como a técnica utilizada na fotografia, em específico, pode modificar a representação da mulher:

As prescrições para fotografar a mulher de forma “correta”, portanto, não orientavam o diretor de fotografia a construir uma imagem suave, delicada, sem sombras densas e grandes contrastes apenas para que a pele de seus corpos e, em especial, rostos, ficasse para sempre jovem e livre de eventuais imperfeições. Elas pretendiam, também, construir uma visualidade em consonância com o ideal de feminilidade vigente, segundo o qual as mulheres – ou ao menos as “boas” mulheres, as mulheres “de verdade” – seriam frágeis, débeis, dependentes, emotivas e puras por natureza (TEDESCO, 2014, p. 126-127).

De acordo com Laura Mulvey (1975) em sua teoria feminista do cinema, são tratados alguns conceitos sobre a mulher como prazer visual a partir do olhar patriarcal que espelha as vontades dos homens, e dentre eles a escopofilia, que é assim definida:

O cinema oferece um número de prazeres possíveis. Um deles é a escopofilia. A escopofilia com o ato de tomar as outras pessoas como objetos, sujeitando-as a um olhar fixo, curioso e controlador. O próprio ato de olhar já é uma fonte de prazer (MULVEY, 1975, p. 440).

É relevante observar como a representação da mulher na tela tendo as mulheres como indivíduos e não somente como o olhar objetificado, é muito mais frequente a partir do momento em que as mulheres puderam dirigir e realizar seus filmes. Deste modo, as cineastas puderam trazer o que deveria ser questionado nas representações no cinema, pois sem mudança nas formas de realizar, continuariam com a mesma forma de retratar que reprovam, segundo E. Ann Kaplan:

Isto é, as cineastas feministas precisam confrontar-se dentro de seus filmes com as representações aceitas da realidade a fim de denunciar sua falsidade. O realismo com estilo é incapaz de mudar a conscientização porque ele não se afasta das formas que corporificam a antiga conscientização. Desse modo, os códigos realistas que prevalecem - de câmera, luz, som, edição, encenação - tem de ser abandonados e o aparato cinematográfico usado de modo novo a fim de desafiar as expectativas e os pressupostos da platéia em relação à vida (KAPLAN, 1995, p. 188).

A representação da mulher de maneira geral no cinema tem sido alvo de muitas pesquisas nos últimos anos, a forma como é ilustrada na tela e a partir de qual subtexto pode-se compreender os significados dessa representação. A inquietação em realizar pesquisa para assim modificar o modo de se fazer cinema e mudar a forma como é feita a representação da mulher existe através da luta do movimento feminista e, é um progresso que levou tempo, ainda há muito a se caminhar.

## 2.4 Escrita de Si

O processo de realizar um documentário com formato autobiográfico participativo, que na prática é como uma carta audiovisual, é um caminho longo e profundo. Escrever sobre o outro quando o outro é tão parte do que você é, é escrever sobre si. Os caminhos entrelaçados que contam o que já foi dito e a subjetividade que segundo Foucault ocorre no ato da escrita, como o tempo gerúndio que é de algo que está se passando no momento, sem antes e nem depois, é uma reflexão que ocorre no ato da escrita:

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz (FOUCAULT, 1992, p. 150).

O documentário e a escrita de si andam juntos em diversos aspectos, mas um deles é crucial: mesmo sabendo de fatos anteriores à escrita ou realização do documentário, ainda assim é importante abrir mão daquele conhecimento prévio como uma lei, e transformá-lo em mais um conhecimento somente, pois a construção da subjetividade é do agora, não de um pensamento já concluído. As situações da vida se impõem, e faz-se importante falar isso, pois para realização do documentário é feito um planejamento prévio, mas que pode ser refeito para auxiliar na gravação do mesmo. A mudança na escrita ocorre a todo momento conforme as circunstâncias se alteram. Abrir mão do suposto controle para se obter um resultado singular e se colocar neste lugar de observador, da própria história, mas como um observador participante.

No caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as ações quotidianas às regras de uma técnica de vida (FOUCAULT, 1992, p. 160).

Em *Dá lembrança* é possível perceber essa reflexão da escrita de si no processo de escrita do roteiro, bem como no filme finalizado quando a personagem da diretora, Mariana, reflete por meio de *voice over*<sup>2</sup> sobre trechos da entrevista com sua avó Josefa e sobre a experiência de conhecer mais sobre ela e com ela. O mesmo ocorre quando Mariana conta à sua mãe sobre ter conhecido locais que já tinha ouvido falar e se pergunta sobre novas possibilidades de promover encontros e observações sobre como era e como está a cidade. É possível entender o contexto em que o texto está inserido, e também a grandiosidade dele isolado com uma reflexão em si mesmo, a escrita explicada por Foucault (1992) como:

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso (FOUCAULT, 1992, p. 141).

A construção do sujeito ocorre no momento em que se grava e se finaliza, não é algo já acabado, é algo que está se constituindo. Ao utilizar da linguagem audiovisual para reconhecer a abordagem da escrita de si, faz se compreender essa indicação de continuidade, Foucault explicita essa ideia como “se constituir a si próprio como sujeito de acção racional pela apropriação, a unificação e a subjectivação de um ‘já dito’ fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 1992, p. 160).

## 2.5 Documentário como Memória

A memória em certo momento da história foi a fonte de registro de conhecimento mais forte para se contar acontecimentos. Segundo Jacy Alves de Seixas (2002), a memória não é algo fixo e que ocupa somente um local:

A memória não é estática, nem seu volume e conteúdos são fixos; ela se movimenta, e esse movimento configura uma espiral no espaço e no tempo, que se inicia e se atualiza no presente na ‘sensação atual’ provocada, segundo Proust, pelo acaso - e, de forma espontânea, se ‘estende, simultaneamente, sobre várias épocas’ (SEIXAS, 2002, p. 45).

É possível se entender que a memória age como prolongador do passado para o presente, sendo assim a memória não tem como característica ser regressiva, algo que parte do presente indo de encontro ao passado, como esclarece Seixas (2002). A memória é como

---

<sup>2</sup> É uma técnica na qual a voz presente na cena não sai diretamente da boca de um personagem visível na cena, mas é colocada posteriormente na edição.

uma ferramenta para manutenção de conhecimento com uma perspectiva em direção ao futuro.

A memória não é jamais como aparece superficialmente, ou seja, como uma retrospectiva, um resgate passivo e seletivo de fatias de passado que vêm, como um decalque, compor ou ilustrar nosso presente; seu movimento, ao contrário, é antes de mais nada o de prolongar o passado no presente. A memória não é regressiva (algo que parte do presente fixando-se no passado); ela é prospectiva e, mais do que isso, é projetiva, lançando-se em direção ao futuro (SEIXAS, 2002, p. 45).

As recordações que ficaram marcadas em destaque na história daquele indivíduo que as relata de forma pragmática têm ligação direta a experiências, dentre acontecimentos estes que estão sendo contados são os que se destacaram segundo Ivan Izquierdo (2002) no espaço reservado em pontos intangíveis, o presente.

O cinema é uma ferramenta de preservação da memória e história, em especial o cinema documental que reproduz uma visão única do mundo, assim como a memória que cada indivíduo tem, jamais será exatamente igual a memória de outro. Esta reprodução, ou seja, recorte mais próximo da realidade, reflete a importância de se documentar como forma de preservar a identidade. Segundo Christina Ferraz Musse e Mariana Ferraz Musse (2014) :

Parece que o registro garante lastro à existência, ressignifica-a, isto é, constrói uma narrativa que, de alguma forma, gera uma identidade. Assim, fotografias, filmes, fitas magnéticas, cds e dvds são suportes capazes de revelar hábitos culturais, subjetividades e maneiras de organizar o mundo ao redor. São uma forma de expressão, mas, além disso, uma forma de memória (MUSSE; MUSSE, 2014, p. 5).

De acordo com Musse e Musse (2014, p. 7) a vontade de se manter registros da memória são reflexos da forma como a sociedade atual vive, com a presença de tanta rapidez que tem necessidade de ter registros para recordar depois:

O desejo de memória é analisado também como uma reação à sociedade contemporânea, que, ao privilegiar a instantaneidade, a velocidade e a fluidez, desterritorializa o ser humano, que tentaria, através do passado, conseguir algum tipo de reconhecimento e identificação (MUSSE; MUSSE, 2014, p. 7).

No momento em que se relata uma memória, é possível perceber a conexão entre diversos assuntos que mesmo não sendo citados acabam por ser chamados, por estarem entre fios tecidos. Isso faz com que alguns fatos ganhem mais destaque na versão contada agora do que quando ocorreram realmente, e sendo assim alguns acontecimentos que pareciam não ter ligação passam a ter (SEIXAS, 2002, p. 58). Esta associação entre fatos que aparentam ser desconexos é recorrente em entrevistas para documentários. A partir de uma pergunta que pode significar somente um tópico simples de uma área da vida para quem a realiza, é



possível chegar em mais de uma temática, pois para o entrevistado o tema pode ser entrelaçado a outro, que relatado faça mais sentido conectado a outras áreas.

Há de se destacar a concepção de memória no documentário com o entendimento de como o documentário tem a possibilidade de exercer o papel de memória, em um tempo que somente o que foi registrado neste momento, agora presente, será o passado. Compreendendo que o documentário atua segundo a definição de Nichols (2010, p. 47) como uma representação, uma construção de um ponto de vista composto não só pelas imagens que são de grande contribuição, mas também pela composição do que é dito em texto com narração ou entrevista.

## **2.6 Uso de imagem de arquivo**

Gabriel Marinho (2011) ressalta que para se definir uma imagem como de arquivo, a significação é traçada a partir do entendimento de que as imagens utilizadas não foram produzidas com o intuito de se tornarem imagem de arquivo:

Considero como imagens de arquivo aquelas unidades audiovisuais presentes em determinados filmes e demais produtos midiáticos, desde que construídas a partir de uma linguagem cinematográfica (programas de televisão, video-clipes, novelas e demais formatos), mas que não foram produzidas originalmente para a produção em que se encontram. A partir dessa proposta, é possível destacar os dois movimentos mais importantes para a transformação desses registros em imagens de arquivos, a migração e a ressignificação (MARINHO, 2011, p. 59).

A definição providenciada por Marinho (2011, p. 59) traz ainda algumas características importantes com o uso de imagens de arquivo: a migração e ressignificação. A partir da dissertação de Marinho é possível entender que desde o momento que uma imagem de arquivo é utilizada em outra obra ela passa a fazer parte de outro produto, realizada a migração de formato. E quanto a ressignificação, é o novo significado adquirido pelas imagens que antes poderiam ser somente um registro de um momento feliz, agora contam sobre aquele momento e sobre a ideia apresentada na obra que agora integra, com novos sentidos e objetivos.

A ressignificação quanto a exibição também é um ponto importante a se discutir, imagens realizadas em contexto anterior, mas que agora com a construção em obra cinematográfica ganham mais significados e mesmo que exibido para pessoas que já conhecem, aquelas imagens ganham novos sentidos.

O entendimento sobre o que é imagem de arquivo, assim como a definição de documentário passa por diversas construções, mas há pontos em comum que partem do seu uso e de sua estrutura. G. Didi- Huberman (2003, p. 85) diz que “uma imagem de arquivo é uma imagem indecifrável e sem sentido enquanto não for trabalhada na montagem”.

O trabalho realizado com as imagens de arquivo deve permear o âmbito técnico e crítico ao questionar como as imagens foram feitas à época, e o que é contado ou pode ser contado com o uso destas imagens na produção da nova obra. A imagem de arquivo pode ser compreendida como um material em contínua criação. O exercício de empregar bem o arquivo que se tem em mãos para conceção de um novo sentido, mas sem deixar para trás o significado já existente.

Na obra de Rosy Nascimento *Te guardo no bolso da saudade* (2021), curta-metragem referência para realização de *Dá Lembrança*, fica em evidência a resignificação no uso de imagens de arquivo, bem como a nova aplicação com a contação da história de sua mãe, em especial a forma que realiza esse relato. É possível se entender um novo caminho trilhado quanto aos sentidos que se ganham através da montagem feita e da escolha das imagens utilizadas, como por exemplo uma foto de comemoração de aniversário utilizada no início do filme, nesta foto várias pessoas estão em volta da mesa para cantar os parabéns em um aniversário. A profundidade adquirida no filme é construída a partir do relato em voice over que sinaliza sobre a timidez da protagonista, presente na foto, e seu sorriso quase nunca visto, mas esse é um significado que se adquire no filme. Pois, se a foto for vista isoladamente o primeiro pensamento é que seria somente o registro de um aniversário.

O uso de imagens de arquivo, em especial arquivos familiares, traz uma ligação de memória, afeto e saudade. No ato de rever imagens que foram feitas há muito ou há algum tempo, com pessoas queridas que permanecem e das que já partiram e que fazem parte da história, rememora-se a ausência e destaca os sentimentos provocados pelo contato a essas memórias, como diz Santos e Musse (2016):

Contemplar a foto de uma pessoa querida que faleceu traz à tona as lembranças de momentos alegres ao lado dela, mantendo tal pessoa ainda presente em nossas vidas e viva em nossos dias. Porém, uma característica mais ou menos negativa suscitada pela fotografia, que podemos considerar, é o sentimento de saudosismo. Ao mesmo tempo em que podemos sorrir, por lembrarmos-nos dos momentos ao lado da pessoa, podemos também sentir a dor por aquela ausência (principalmente quando é recente), certo arrependimento por não ter aproveitado tanto como poderíamos os momentos ao lado dela, ou a estranha saudade que sentimos das pessoas queridas pela família com quem não chegamos a conviver tanto quanto gostaríamos (SANTOS, MUSSE, 2016, p. 6).

Em uma análise um pouco mais aprofundada, os arquivos de família contam uma história, em cada registro está contido algum fato da ocasião em que o registro é realizado, de quem está na foto, e de quem o realiza. A história que estes arquivos contam serão no futuro, e até mesmo no presente, uma ferramenta para compreensão de um tempo que algumas pessoas não viveram, ou não presenciaram, e assim se une a consciência de sua própria história. Santos e Musse (2016) falam sobre a ressignificação das narrativas a partir do conhecimento desses arquivos:

Os registros de família também são uma forma de relíquia, uma herança a ser deixada para as gerações posteriores. Dessa forma, os jovens podem compreender aquelas histórias que não presenciaram, contadas a partir de um álbum ou da projeção de slides e filmes, ressignificando essas narrativas como parte de suas próprias histórias (SANTOS, MUSSE, 2016, p. 6).

O controle sobre o ponto de vista do filme, especificamente reproduzido nas imagens de arquivo utilizadas, segundo Penafria (2001) não é uma escolha feita pelo documentarista, pois se utilizam imagens existentes para outro fim, originalmente. Mas a escolha de quais arquivos utilizar, isso sim cabe ao documentarista e faz parte de um processo de seleção:

Nas imagens de arquivo o ponto de vista não foi, obviamente, escolhido pelo documentarista mas, integrar essas imagens implica uma seleção, o que permite afirmar que essas mesmas imagens se adequam ao filme que se está a realizar (PENAFRIA, 2001, p. 4).

Em *Dá Lembrança* é presente a ressignificação das imagens citada por Marinho (2011) e por Santos e Musse (2016), as fotografias utilizadas no filme foram feitas por pessoas diversas e que faziam, à época, parte de um núcleo familiar próximo. As pessoas que realizaram os registros não planejavam quando o fizeram que seriam utilizados em documentário em certo momento. Mas ainda serviram muito bem à finalidade de recordação, pois em uma família grande muitos já se foram e muitas pessoas chegaram e não conheceram pessoas importantes na memória que cresce junto à história da família.

### 3 METODOLOGIA

A elaboração deste projeto iniciou por uma característica muito pessoal e presente em minha vida: a curiosidade. Saber a origem das coisas e principalmente a história de vida das pessoas me mobiliza com grande força. Entender de onde as pessoas vieram, porque permaneceram em diferentes locais, e compreender o porquê uma pessoa é e vive de um modo, para mim é uma experiência enriquecedora. A partir do ponto inicial sendo a curiosidade, é necessária uma metodologia para a realização do curta-metragem *Dá lembrança* e aqui são explicados os pontos principais para construção deste documentário desde sua pré-produção à finalização.

#### 3.1 Referências audiovisuais

*Dá lembrança* é composto, assim como outros filmes, por referências, que além da pesquisa e escrita, auxiliam na construção de novas perspectivas. Foram utilizados como principais referências os filmes *Travessia* (2017) de Safira Moreira, *Nome de Batismo - Frances* (2019) de Tila Chitunda, *Te guardo no bolso da saudade* (2021) de Rosy Nascimento. Estas obras têm como características em comum o uso de imagens de arquivo, e a forma como é feita a construção da história a partir da memória entrelaçada a entrevistas. São filmes focados em realizar a investigação da vida familiar. E com um fator partilhado por todas as obras: são filmes dirigidos por mulheres. Com a criação de Caio Franco, *Antes de ontem* (2019), filme que aborda a relação do diretor com seu avô em um relato para sua avó, foi possível compreender os múltiplos usos que uma fotografia estática pode obter na edição de um filme, pois esta obra se utiliza somente de arquivos familiares.

O longa *Casa* (2019) de Leticia Simões, em que a cineasta entrevista sua mãe e avó, possibilita o entendimento que o distanciamento do ambiente de casa ocasiona com que muitas atitudes e reações ganhem perspectiva, e a vivência no mesmo ambiente constrói memórias de afeto e casos que em ambientes diferentes não seriam possíveis. A obra de Simões conta com realização de entrevista bem elaborada, pois até mesmo as respostas que não foram respondidas claramente, foram respondidas pelo conjunto da obra.

#### 3.2 Título

A escolha do título do projeto tem relação direta com a memória afetiva da diretora. *Dá lembrança* é uma expressão muito utilizada por Dona Josefã, avó paterna da diretora e que era utilizada por Dona Ananília, avó materna da diretora, ao se despedir após uma

ligação ou pessoalmente, expressão semelhante ao “mando um abraço”. É uma forma carinhosa de dizer que se lembrou daquela pessoa que não está presente ali, e está mandando uma lembrança, um abraço, um carinho. E por entendimento ao realizar a pesquisa desta obra, e compreender que seriam trabalhadas muitas memórias, lembranças essas das avós da diretora, bem como de sua mãe, abordando suas histórias de vida e a memória que se trabalha no registro do filme, foi feita a escolha do título.

### 3.3 Roteiro

O roteiro de *Dá lembrança* foi feito em diversas etapas do projeto. Na fase de pesquisa foi feita uma prévia de quais perguntas seriam feitas na entrevista da personagem Vó Josefa, e quais locais seriam importantes para contar visualmente sobre a história da personagem Vó Ananília, que se encontram no apêndice C deste trabalho. Durante a decupagem do material gravado foram selecionados os temas que foram tratados e a partir disso destacados os temas que seriam abordados no filme e assim constituído o primeiro corte do roteiro para primeira montagem.

Após o primeiro corte do filme, foi traçado um segundo corte do roteiro com o entendimento que alguns trechos não faziam sentido na forma como estavam colocados. Após o segundo corte do filme foram feitos somente ajustes relacionados a perguntas que antes ficariam fora do roteiro, mas que junto às respostas faziam mais sentido dentro do filme. O roteiro no documentário e bem como foi realizado em *Dá lembrança* evidencia como o processo de produção de uma obra documental se difere de obra ficcional com o roteiro construído ao longo do caminho, como bem esclarece Sérgio Puccini Soares:

Se no filme de ficção a escrita do roteiro ocorre integralmente no período da pré-produção do filme, no documentário essa escrita muitas vezes se manifesta de maneira diferente; trata-se de uma escrita em aberto, que se estende por todo o processo de realização do filme (SOARES, 2007, p. 227).

No decorrer da pós-produção desta obra e conhecimento de novas imagens de arquivo, foram feitas alterações e expandiu-se o uso que já era presente no primeiro corte do roteiro. O roteiro construído paralelo à edição teve sua presença destacada levando em consideração a melhor compreensão da edição como bem indica Soares:

Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme (SOARES, 2007, p. 22-23).

É importante elucidar que o roteiro literário que consta neste trabalho no apêndice E, sendo este o último corte até o presente momento, não exerce a função de roteiro fixo, e sim guia fluido para realização da obra.

### 3.3.1 Personagens

Para compreensão aprofundada das personagens presentes nesta obra é relevante esclarecer suas características e como estão presentes em *Dá lembrança*. As personagens principais são as avós da diretora, Dona Josefa, avó paterna, mulher de 81 anos piauiense e que tem sua presença no filme através de entrevista concedida à diretora, sua neta, Mariana.

Dona Ananília, avó materna, *in memoriam*, tem a presença marcada a partir de imagens de arquivos, sendo estas fotos protagonizadas por ela, e que fazem parte do acervo pessoal de Maria Luiza, sua filha e mãe da diretora, Mariana.

A personagem Maria Luiza tem sua presença destacada, pois não aparece na tela, mas atua como elo para a narração feita pela diretora, sua filha, sobre sua mãe, que tem formato de carta destinada à ela. E tem grande atuação na disponibilização de acervo de fotos e pesquisa para conhecimento da história de Dona Ananília. Maria Luiza tem sua atuação nesta obra descrita como um dos perfis de personagens traçados por Soares:

Nem todos os personagens envolvidos em um documentário desempenham necessariamente uma ação dramática que possa ser encaixada dentro de uma estrutura narrativa.[...] Nesses casos os personagens não deixam de existir bem como não deixam de fazer algo mesmo que esse algo não configure uma ação dramática. Agem pela palavra, palavra que será tratada pelo texto discursivo do documentário (SOARES, 2007, p. 94).

As personagens com as representações feitas em *Dá lembrança*, com um destaque para a direção feita por uma mulher, sendo esta a neta e filha das personagens, trazem para além da imagem também a relação que existe entre elas, através do olhar da diretora. Cláudia Mesquita (2010) faz importante reflexão sobre as personagens existirem antes e também serem formadas dentro da tela dos filmes:

Os filmes não se apresentam como cópias, mas como composição dos personagens segundo a perspectiva daquele que retrata e segundo a relação em que ambos (cineasta, personagem) se engajam. Há muito do gesto do retratista no retrato de seu personagem,[..](MESQUITA, 2010, p. 108).

O olhar da diretora, em set sendo somente a neta, como olhar guia para representação no filme a partir de uma relação geracional que enche a tela e além dela. O sentimento de pertencimento e de encontro com as pessoas que já se conhecem e das pessoas que estão prestes a se conhecer mais profundamente.

### 3.4 Viagem e Gravações

Depois da fase de pesquisa inicial e leituras que inspiraram a construção deste trabalho, foi feita a organização para realizar então as gravações do filme que eu já tinha em mente que seriam feitas em viagem para o estado do Piauí, mais precisamente nas cidades de Corrente e Santa Filomena. A viagem seria necessária para realização de entrevista com minha avó Josefa e gravações de imagens, bem como para pesquisa mais aprofundada e registros de locais importantes na vida de minha avó Ananília.

Para a entrevista, fiz um roteiro de perguntas com a intenção somente de ter um norte, e não uma entrevista rígida. Esta lista funcionou como guia e está presente no apêndice C deste trabalho. Na mesma lista de perguntas eu fiz uma lista dos locais que seriam importantes para contar a história de Vózinha e que poderiam demonstrar um pouco da trajetória dela, que são os caminhos que de alguma maneira marcaram a existência dela para mim e para muitos.

A viagem foi realizada em maio de 2023, de ônibus, a distância percorrida na primeira parte da viagem entre Brasília e a cidade de Corrente foi de 837,2 Km, totalizando um percurso de cerca de quinze horas. Durante este percurso o primeiro encontro com a câmera aconteceu. Ainda no ônibus algumas imagens foram gravadas a partir do celular da diretora mostrando a paisagem da estrada e depois registradas com a câmera Canon t5i rebel. O celular foi utilizado como meio para quebrar parte da timidez de filmar em um ônibus. Com a câmera foi possível além dos registros da estrada no percurso do ônibus, interações com outros passageiros, como um menino de três anos que estava viajando com a mãe e estava sentado próximo a minha poltrona, que ficou muito animado ao me ver gravando. Este foi um momento muito precioso.

No primeiro momento da viagem com a chegada em Corrente ainda foi preciso percorrer de carro cerca de 20 km a caminho da casa de minha tia, Maria Célia, localizada no interior, onde minha avó Josefa vive atualmente, segundo ela é melhor porque é mais sossegado que na cidade. Por lá permaneci durante três dias, entre idas a cidade e tempos no interior, onde reencontrei alguns familiares e pude realizar a entrevista com Dona Josefa. Inicialmente pareceu pouco tempo, mas foi possível realizar com intervalos para longas conversas e afeto.

Já o trecho da viagem entre a cidade de Corrente e Santa Filomena a distância foi de 217,7 km, uma média de cinco horas de viagem, feita de ônibus. Nesta cidade passei cinco dias, os quais passei hospedada na casa de minha prima, Jaciara. Estes cinco dias pude visitar

parentes próximos de minha mãe e o local onde era a antiga casa de minha Vózinha, a avó Ananília, um momento de muita saudade. Para o conhecimento a fundo da história de Vózinha, tive uma conversa com a prima de minha mãe chamada Maria, conhecida como Mariinha, que tinha mais informações e pôde compartilhar comigo sobre a trajetória percorrida desde a Bahia até a chegada no Piauí. A família veio em busca de condições melhores de vida, e fugindo principalmente da seca que assolava naquela época.

### 3.4.1 Entrevista

A história que eu parecia já conhecer muito na verdade se mostrou completamente nova, pois muitas lacunas foram preenchidas com caminhos mais precisos.

No dia que cheguei de viagem, expliquei a minha avó sobre como seria feita a entrevista, sobre a qual ela já estava sabendo e que meses antes realizei um teste filmando com celular.

No dia seguinte organizei os equipamentos para gravação da entrevista lista de equipamentos presente no apêndice D e montei o set de filmagem na varanda, local indicado por minha avó, por ser um local ventilado e bem iluminado. Um recurso que utilizei para transformar o ambiente de entrevista em um ambiente mais confortável para minha avó, foi levar um novelo de linha de crochê para que ela pudesse costurar enquanto eu realizava a entrevista com ela, trazendo assim uma distração para o foco que estava na câmera. Ideia que ela aceitou de bom grado e até mesmo antes de iniciar a entrevista já começou a costurar com sua linha de crochê. A peça de crochê realizada foi uma bolsa, um pedido meu para minha avó Josefa que logo que viu a cor da linha achou bonita.

O primeiro momento em frente à câmera, foi um momento de nervosismo múltiplo, minha avó aparentou estar nervosa e quando iniciei a entrevista eu também estava ansiosa, afinal foi um momento muito esperado por mim e no qual eu tinha mais incertezas do que certezas. De início minha avó Josefa deu respostas mais curtas as perguntas. Passado um certo tempo da entrevista minha avó conseguiu dar respostas mais longas e não tão cortadas, pois já estava mais acostumada na situação como entrevistada. Soares (2007) explica sobre a construção do momento da entrevista:

Esse momento da entrevista constrói um personagem que se revela na interação com o entrevistador (muitas vezes o próprio diretor do filme); não em situação de ação, mas através de uma exposição oral que pode descrever ações de uma narrativa ou simplesmente exteriorizar comentários (SOARES, 2007, p. 100).



O planejamento para duração da entrevista era de cerca de 1h e por fim durou cerca de 1h30. Depois da entrevista minha avó Josefa seguiu fazendo o crochê e conversamos sobre outros temas, mas sem a presença da câmera. O momento de transferência dos arquivos dos cartões de memória da câmera e do gravador para o HD foi durante a noite, onde pude assistir parte do material gravado e avaliar sobre as perguntas já feitas e como abordar outros temas no dia seguinte.

No segundo dia de entrevista pareceu que minha avó Josefa já estava acostumada com a câmera há anos, não houve problema em olhar na minha direção, em falar olhando, mas manteve sua concentração na peça de crochê. Felizmente, ela conseguiu responder as perguntas de maneira casual, pareceu que estávamos em uma conversa não gravada, eu perguntei sobre um tempo que não vivi e ela me contou isso e mais um pouco. Respondeu perguntas que eu nem mesmo elaborei, por pensar ser íntimo demais ou acreditar não saber perguntar, e isso no tempo dela fazendo suas próprias conexões.

O momento das filmagens propriamente ditas é extremamente importante, não só porque é aqui que se estreita a relação documentarista-intervenientes mas, também, porque o material recolhido é decisivo para o filme final. O momento em que se liga e em que se desliga a câmera de filmar condiciona a fase seguinte - a pós-produção (PENAFRIA, 2001, p. 4-5).

Em Santa Filomena realizei as gravações de lugares importantes para trajetória de vida e que contam sobre minha avó Ananília. Ali foram feitas entrevistas silenciosas com os locais, o que aqueles locais poderiam me dizer depois de alguns anos sem visitar a cidade? A casa de Dona Ananília, minha Vózinha, já não estava mais de pé, e isso por si só era uma grande e nostálgica memória que foi remexida. A casa onde era o ponto referencial para suas idas e vindas desde que me conheço por gente não estava mais no local, mas todas as lembranças estavam lá enchendo a rua.

O momento de gravação das cenas do Rio Parnaíba foram momentos bem nostálgicos, pois lembraram e mostraram visualmente o correr da vida, a passagem do tempo que de fato não volta mais.

A presença da imagem de água corrente nas águas de rios especificamente, dos rios Taquara e Parnaíba foram gravados ao máximo e também pessoas nas águas. Algumas imagens gravei mesmo sem entender como utilizar, uma imagem em especial onde primas e primos brincavam, em um boia na água, inicialmente foi feita para registrar a alegria da brincadeira. Água representa benção, e é presente na vida de minha mãe e minhas avós, seja para a subsistência quando plantavam em suas roças, seja para o lazer. Água carrega também o significado de renovação. Heráclito de Éfeso (540 -470 a. C) diz que “Ninguém pode entrar

duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou[...]”(KUHNNEN, 1973, p. 94). Assim é a vida com as memórias presentes, mas em constante mudança.

### 3.4.2 Narração

Ao longo do filme é perceptível a presença em *voice over* da diretora, na parte inicial direcionada a sua mãe, Maria Luiza, e antes da entrevista começar com um pensamento sobre os sentimentos presentes em momentos que a antecedem.

A narração costura pensamentos da diretora referentes a sentimentos presentes durante a entrevista e também traz a conhecimento do espectador informações novas que não se revelam na entrevista e nem mesmo nas fotos de arquivo utilizadas. No decorrer da narração é possível perceber que a presença da mãe da diretora, Maria Luiza, como destinatária nesta carta em áudio faz com que mais conexões do passado com o presente se façam viáveis.

Para falar sobre Dona Ananília a diretora se utiliza do recurso em formato de carta-áudio direcionada a sua mãe, como se na intenção de desdobrar e registrar conhecimentos e constatações de confirmações sobre histórias que já haviam sido contadas anteriormente.

Os dias de gravação da narração foram em fases diferentes do filme e semelhantes na forma. O primeiro momento com o filme em fase de montagem do primeiro corte. O segundo momento com alterações no texto para o segundo corte do filme e que foram mantidas até o presente corte, sendo o quarto corte de *Dá lembrança*. A duração da gravação com média de 2 horas em ambos os momentos. Nos dois dias de gravação do *voice over* a atenção ao ritmo da fala e também as pausas que foram necessárias por conta da emoção, que se faziam presentes, foram desenhando o tom da voz. As repetições foram necessárias para alcançar a cadência da narração que se aproximou do ritmo pensado para construção junto às imagens.

Para inserção no roteiro o texto da narração foi escrito e reescrito após a primeira gravação e uso na edição. A reescrita do texto foi feita, pois viu-se necessidade de adaptação e inserção de mais informações, tendo em vista a mensagem que gostaria de se passar e as imagens disponíveis. A voz organiza a lembrança e a partir dessa organização a narração foi se construindo com modificações no texto que ocorreram somente após a gravação ser feita e ouvida, e por vezes que ocorreram de forma não planejada.

### 3.4.3 Equipe

A equipe que compôs a feitura deste trabalho foi composta por três integrantes que são estas: a diretora, Mariana Leite, que desenvolveu funções na pré-produção do filme e a função de realizadora incluindo a direção de fotografia e a captação de áudio durante as gravações. Tendo em vista que foram realizadas em outro estado e as condições de orçamento não possibilitaram que cada função tivesse um responsável por si. A editora Keity Naiany, que desempenhou o trabalho da pós-produção do filme incluindo: montagem, colorização e finalização, abrangendo a mixagem de som que foi um processo compartilhado junto a diretora que mixou os trechos referentes à narração. A diretora de arte do *Stop Motion*, Larissa Barbosa, que fez seu trabalho já em fase paralela à edição do filme, a partir de idealização do conceito artístico para o trecho feita pela diretora e compreensão de como agregar ao filme já com formato bem definido.

### 3.5 Pesquisa e seleção de imagem de arquivo

A pesquisa para seleção de imagens de arquivo partiu do contexto familiar, acessando álbuns de família e na tentativa de recuperar fitas VHS existentes de maneira escassa. Os álbuns de família com muitos registros de Dona Ananília eram a certeza que se tinha sobre essa memória materializada, principalmente o acervo de Maria Luiza, mãe da diretora, que foi a maior fonte nesta pesquisa. A autora Cláudia Mesquita (2010, p. 117) descreve algo se aplica bem ao uso de fotografias realizado em *Dá lembrança* a partir da utilização feita no filme *Acácio* (2008) dirigido por Marília Rocha: “[...]as velhas fotografias são tomadas como objeto ou matéria para a criação de procedimentos estéticos pela cineasta-retratista.”

Os critérios para seleção das imagens foram a presença da personagem Dona Ananília, a Vózinha, e de pessoas que teriam conexão com a história traçada através da narração. A maior parte dos registros utilizados no filme, são registros com mais de vinte anos, e por isso a melhor solução técnica foi realizar a foto da foto. Alguns registros mais recentes da personagem não foram utilizados por não serem justos a representação da personagem que já se encontrava debilitada por ter sido acometida de um AVC.

As fitas de VHS que a diretora teve acesso infelizmente não tinham a presença direta da personagem Dona Ananília, e por isso optou-se por não utilizar.

Durante a viagem foi possível ter acesso a uma foto 3X4, em preto e branco, de Dona Josefa que foi feita há muitos anos para um documento, que ela guardou, e a partir da

entrevista trouxe a possibilidade de utilizá-la, sendo esta uma das poucas fotos que tem de quando era jovem.

Além do acervo, a mãe da diretora, Maria Luiza, possibilitou acesso a informações que contribuíram muito para a pesquisa, que foi aprofundada para realização do curta-metragem a partir de entrevistas informais.

Para a realização da entrevista com a personagem Dona Josefa, foram utilizadas como fonte de pesquisa entrevistas prévias que foram feitas em formato de conversas. Algumas conversas com registros de anotações sempre unidos a muitas perguntas, em época muito anterior à realização deste filme, mas que proporcionaram um olhar com perspectiva para realização da entrevista feita para este documentário. Sérgio Puccini Soares (2007) estabelece a pré-entrevista como uma primeira abordagem:

Pré-entrevistas marcam o primeiro contato entre documentarista, ou sua equipe de pesquisadores, e os possíveis participantes do documentário. São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado (SOARES, 2007, p. 87).

Realizar a pré-entrevista é importante para a preparação de uma entrevista mais sólida, e planejamento de estratégias para proporcionar qualidade na abordagem no material que será gravado.

### **3.6 *Stop motion***

A animação presente em momentos de transição do filme conhecida popularmente como *Stop Motion* que em tradução livre e literal é movimento parado, ou animação quadro a quadro, foi idealizada pela diretora como forma de traduzir visualmente o caminho percorrido para se realizar o filme.

O termo transição em definição geralmente utilizada, quer dizer passagem de um lugar a outro, de forma mais abrangente. Já em *Dá lembrança* tem sentido literal e de forma, pois o *Stop Motion* entra como transição entre o trecho do documentário realizado em formato de entrevista na cidade de Corrente, e o trecho onde o filme é composto por fotos de arquivo e que se passa na cidade de Santa Filomena.

Utilizando-se da liberdade poética nas proporções presentes na imagem, e funcionando assim como momentos de intervalo para que espectador possa seguir o caminho e acompanhar a história de onde ela se passa.

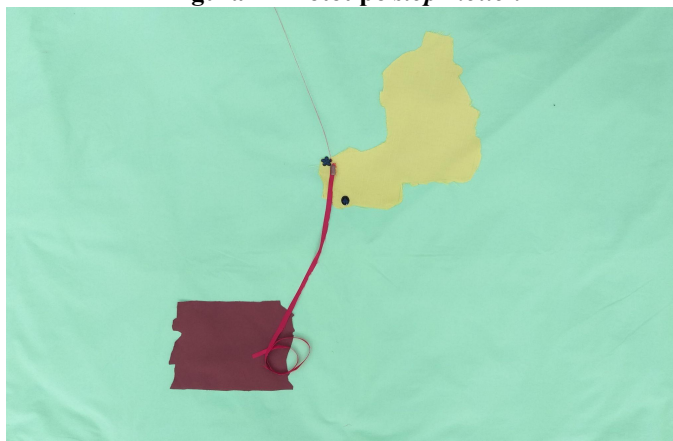
Os materiais utilizados pela diretora de arte para compor a cena foram tecidos, linhas e botões a pedido da diretora, para assim ter uma unidade junto à história que passa boa parte sendo costurada em crochê pela personagem Avó Josefa.

A costura é um ponto importante para a minha família desde sempre. A minha mãe é costureira, faz de tudo e aprendeu a costurar criança por vontade de fazer suas roupas como queria. A minha avó Ananília fiava e tecia redes, e costurava roupas também. Minha avó Josefa aprendeu a fazer tricô criança e adulta aprendeu o crochê que a acompanha até hoje. Eu sei costurar o básico e conheço os processos da costura por inteiro. Através da costura consigo compreender muita coisa na vida, o ato de costurar traduz entendimento da vida de que é preciso unir partes de diversos materiais para se ter o todo, e exige atenção e paciência.

### 3.6.1 Direção de Arte Stop Motion

Para realização da animação com a técnica *stop motion* a diretora, Mariana Leite, realizou reunião com a diretora de arte, Larissa Barbosa, para informar sobre a ideia que já havia planejado e qual seria a função do *stop motion* neste filme. A partir disso, foi destacada a importância do uso de tecidos, linhas, botões e artigos de costura, por serem elementos que fazem parte da construção das personagens. O protótipo do *stop motion* já estava feito e se encontra na imagem abaixo:

**Figura 1- Protótipo *stop motion***



**Fonte:** Elaboração da autora, 2023.

O primeiro teste, ilustrado acima, foi construído com os materiais preferenciais, mas sem um planejamento para a paleta de cores do projeto, bem como sem os detalhes para reconhecimento das cidades por onde é importante ficar claro o percurso que foi feito.

A diretora de arte, Larissa, recebeu os materiais para construção da arte do *stop motion* e em poucos dias realizou confecção dos elementos que o iriam compor. Os mapas do

estado do Piauí, onde se passa o filme e em específico as cidades em destaque, e o mapa do Distrito Federal de onde a diretora, Mariana, parte rumo a viagem para realização de *Dá lembrança* são as principais partes desse cenário. No percurso feito por pontilhado com linha de crochê vermelha, fica em evidência que foi percorrido uma distância, com o recurso da liberdade poética para proporção espacial, mas que mostra essa viagem no sentido literal e atua como artifício para a transição entre as duas partes do documentário, a primeira parte com a avó Josefa e a segunda parte com a avó Ananília.

As cores vermelha e amarela têm presenças marcantes no filme, no *Stop motion* em grande evidência e nos momentos de entrevista com pontos vermelhos no cenário e na cor definida em colorização, evidenciando uma unidade harmônica na coloração do filme. Abaixo é exibido um trecho da animação quadro a quadro, onde é perceptível a estética dos componentes citados:

**Figura 2- Stop motion trajeto**



**Fonte:** Trecho captura do filme, 2023.

### 3.7 Som

Para a formação do som deste filme, foram traçados quatro tópicos iniciais: som de entrevista, som da narração, som ambiente e trilha sonora. Antes de descrever como foram realizados os trabalhos de cada tópico, é importante trazer a definição de paisagem sonora, um conceito instituído por Raymond Murray Schafer (1997):

A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras. Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar as características de uma determinada paisagem. Todavia, formular uma impressão exata de uma paisagem sonora é mais difícil do que a de uma paisagem visual. Não existe nada em sonografia que corresponda à impressão instantânea que a fotografia consegue criar. Com uma câmera, é possível detectar os fatos relevantes de um panorama visual e

criar uma impressão imediatamente evidente. O microfone não opera dessa maneira. Ele faz uma amostragem de pormenores e nos fornece uma impressão semelhante à de um close, mas nada que corresponda a uma fotografia aérea (SCHAFER, 1997, p. 23).

Após reflexão e entendimento do caminho para qual a história estava sendo traçada foi feita a escolha de utilizar todo o som disponível no material gravado, sendo este o som da câmera para a voz da personagem Mariana, e o som da lapela para a personagem Dona Josefa, com prioridade para a qualidade técnica do material gravado, e qualidade da compreensão narrativa. A presença da lapela para a personagem Dona Josefa foi uma escolha consciente pensando na qualidade do som bem como na realização tendo em vista que a equipe presente no set de gravação era somente a diretora.

O som ambiente presente em grande parte do filme foi captado junto ao momento da entrevista, sempre antes ou depois da gravação, para manter uma uniformidade do ambiente sonoro que compõem a obra. Durante a gravação da entrevista a maior dificuldade foi também o que trouxe mais imersão ao ambiente onde foi realizada a entrevista: os sons emitidos pelos animais. Por vezes esses sons só ocorrem de maneira tímida, e é possível escutar ao longe, e outras vezes chegam a se destacar aparentando ser participantes da história.

A gravação da narração foi feita em duas etapas, sendo gravada e regravada com adaptações que a partir da edição do filme surgiram, e que foram feitas para comunicar melhor, sem ser tão descritivo e sim no formato pretendido de uma espécie de carta em áudio. Empregando a definição de Soares para compreensão do uso da narração como *voice over*:

A voz over é o som da voz que não nasce da situação de filmagem, não está ligado à imagem que acompanha, mas é sobreposto à imagem durante a montagem do filme. Normalmente a voz over se ocupa da narração do documentário (SOARES, 2007, p. 130).

A escolha da trilha sonora foi feita após muito se pensar sobre o espaço onde o filme foi registrado e qual sentimento gostaria de ser transmitido em cada cena. A trilha sonora é composta em uniformidade por sons instrumentais. Foram utilizadas trilhas sonoras de uso livre disponíveis na biblioteca de áudio do YouTube e no Freesound, e conta com a composição Lamento Sertanejo de Gilberto Gil e Dominginhos tocada pelo violinista Nicolas Krassik.

### 3.7.1 Aspectos técnicos do som

A captação de som da entrevista foi feita utilizando um gravador zoom H6 portátil e microfone lapela sem fio Sony, equipamentos da Trupe do Filme. O som da voz da diretora presente durante a entrevista foi captado através da câmera Canon t5i rebel, equipamento de Alice Aquino.

A narração foi gravada em estúdio no Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação. A gravação foi feita utilizando os seguintes equipamentos: Microfone sm58 e placa de áudio Behringer U-phoria UMC22.

### 3.8 Montagem

A montagem do filme foi feita a partir de um roteiro com marcações de minutagem dos arquivos gravados, além do texto das personagens, funcionando assim como facilitador no processo de montagem. Soares explica sobre o roteiro presente no período de edição:

Nessa etapa, de pós-produção do filme, faz-se necessária a escrita de um roteiro que oriente a montagem, um roteiro de edição. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme (lembrando que essa atividade normalmente é acompanhada de perto pelo diretor). Deixamos o campo de planejamento das filmagens para entrarmos no campo de planejamento da montagem, etapa distinta da primeira por trabalhar com a seleção de um material mais restrito, limitado a um arranjo de combinações dentro do universo das imagens já captadas para o filme. Se por um lado essa restrição limita o campo de escolha para diretor e montador do filme, por outro esse é o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme, é o momento em que a articulação das seqüências do filme, entre entrevistas, depoimentos, tomadas em locação, imagens de arquivo, entre outras imagens colocadas à disposição do repertório expressivo do documentarista, em consonância com o som, trará o sentido do filme (SOARES, 2007, p. 22-23).

O objetivo traçado para a montagem foi ter visivelmente e de forma gradual a transição entre um momento do filme composto por entrevista e outro momento composto por imagens de arquivo que se costuravam por relatos de memória. Mesmo com marcações de minutagem presentes no roteiro, ainda sim foi levado em consideração a construção das personagens, mesmo com falas longas em certos momentos, onde não foram feitos cortes rápidos, permitindo assim a apresentação do tempo da personagem em tela.

[...] a montagem trabalha com elementos que um roteiro literário normalmente não enfrenta, tais como a precisão do corte, as transições entre os planos, os efeitos gráficos e de imagem, mixagem de imagens e de sons, entre outros (SOARES, 2007, p.23).



Durante a montagem e edição se transforma o roteiro escrito na pré-produção e o roteiro realizado no set de filmagem em um novo. Este novo roteiro é permeado além da técnica para questões práticas, da sensibilidade para a formação deste filme. Foram feitos quatro cortes de *Dá lembrança*, onde foi possível perceber a evolução da fluidez da montagem. As mudanças que mais ocorreram entre cada corte, foram as mudanças no ritmo do filme, a partir da inserção de planos de ambientação que não estavam tão presentes nos dois primeiros cortes. No terceiro corte foram incluídas mais fotos de arquivo e a colorização uniformizou o filme. Já no quarto corte com a colocação da trilha sonora, e ajustes nas transições entre os planos, e entrada do *Stop Motion* dentro do filme e nos créditos, trouxe mais imersão para o espectador e possibilitou que a obra ganhasse vida para além da tela.

O processo de edição ocorreu em grande parte remotamente, mas com dois encontros presenciais para possibilitar a edição e visionamento da diretora ocorrerem junto à editora, com o objetivo de solucionar dificuldades de ritmo em certos trechos a partir da realização de testes. Estes encontros se mostraram muito eficientes na celeridade para o desfecho desta etapa da edição.

### **3.8.1 Decupagem e aspectos técnicos da edição**

Baseado no roteiro literário desenvolvido que consta no apêndice E deste trabalho, e do roteiro para edição, além do conhecimento do material disponível a partir das gravações realizadas, foi possível compreender que o filme teria a média de 20 minutos.

Para realizar a edição foi utilizado o programa de edição Adobe Premiere, o qual não teve custo adicional tendo em vista que a editora, Keity Naiany, já tinha adquirido anteriormente este programa. A edição foi feita em um computador com tela monitora para melhor visionamento da montagem que foi produzida. O arquivo foi exportado com a predefinição em taxa de bits alta no formato H.264, com o tamanho do quadro: full HD (1920 x 1080).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objeto a realização de um documentário em curta-metragem autobiográfico participativo com todas as suas etapas, desde a pré-produção, realização e finalização. Este documentário se utilizou de múltiplas formas de linguagens visuais e sonoras. Para começar foi desenvolvida uma pesquisa com referenciais teóricos e audiovisuais, tendo um braço para pesquisa metodológica para assim poder fundamentar *Dá lembrança* nos diversos temas abordados.

Para compreensão deste projeto durante a pesquisa foi feita a conceituação do gênero documental e mais a fundo definição do modo participativo de documentário, modo que mais se aproxima do formato de realização deste trabalho. A partir desta característica a escrita de si, conceito de Foucault, atuou na construção do roteiro e da narração, em específico, de *Dá lembrança*.

O intuito com a criação deste projeto foi abordar as histórias de minhas avós, mulheres de outra geração, através do formato documental com a reflexão feminista de como as mulheres são representadas e como suas histórias são contadas de forma positiva a partir do olhar feminino.

Entender a metodologia e as etapas que a formam são de suma importância, pois para se alcançar um filme finalizado há de se ter planejamento e maleabilidade sobre as transformações que podem ocorrer no percurso.

Realizar um filme é um processo criativo intenso e realizar um documentário com temática familiar chega a ser ainda mais. É interessante se perceber neste lugar de diretora e poder, de certa forma, conduzir um olhar através de um filme.

Contar histórias sempre foi um acontecimento recorrente em minha casa, de minhas avós e da família em geral, mas contar um caso com detalhes e que mesmo longo consegue manter a atenção de quem escuta é uma característica que acredito ter herdado de minhas avós e mãe. A minha avó Josefa com 81 anos me conta até hoje histórias de sua infância com riqueza de detalhes e de uma forma que me faz querer saber mais, e com atenção do início ao fim. Vejo essa característica como uma qualidade e tanto.

*Dá lembrança* me permitiu exercitar os aprendizados alcançados ao longo de cinco anos do curso de Audiovisual na Universidade de Brasília. Os conhecimentos adquiridos me auxiliaram na preparação para realizar este filme, e ao longo de toda sua elaboração onde pude colocar em prática. Nesse processo de fazer o filme em sua produção inteiramente só, pude refletir sobre temas que me são muito caros como a representação da mulher e o gênero

documental. Ser estudante da UnB é uma grande conquista, minha e de muitas pessoas que possibilitaram meu ensino.

A luta por direitos é uma luta constante, e poder contar sua própria história ou poder propiciar que outras mulheres possam contar e deixar registrada suas histórias é algo que por muito tempo foi privilégio de poucos, e hoje felizmente é possível que a voz das mulheres seja ouvida, ainda que com algumas dificuldades.

Espero que a partir deste produto e desta memória outras pessoas possam ampliar o debate sobre a importância da memória e do registro das histórias das mulheres, principalmente daquelas que não tiveram a oportunidade de registrá-la por conta própria. E bem como a preservação de arquivos pessoais, pois contam a história de um tempo. Além disso, que este memorial possa auxiliar na realização de futuros filmes, pois o cinema brasileiro ocorre todos os dias.

## 5 REFERÊNCIAS

- DIDI-HUBERMAN, G.: *Images malgré tout*. Paris: Les Editions de Minuit, 2003.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- IZQUIERDO, I. *Memória*. Porto Alegre, Artmed Editora, s.a. 2002.
- KAPLAN, E. Ann. *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera* Trad. Helen M. Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- KUHNEN, Remberto Francisco. **Os Pré-Socráticos. Tradução José Cavalcante de Souza et al.** 1 ed. São Paulo: Abril S.A: Cultural e Industrial, 1973.
- LINS, Consuelo. Documentário: uma ficção diferente das outras. **Ecos do cinema: de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.**
- MARINHO, Gabriel Filgueira. A migração das imagens: o uso de imagens de arquivo no cinema documentário brasileiro (1961-1984). Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- MESQUITA, Cláudia. Retratos em diálogo: notas sobre o documentário brasileiro recente. **Novos estudos CEBRAP**, p. 105-118, 2010.
- MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo (1975). **A experiência do cinema**, v. 4, 1991
- MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. **Memórias ressignificadas: as narrativas de super 8 na web 2.0**. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA. 3., 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Alcar, 2014.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. Coleção Campo Imagético. Campinas, SP: Papirus 2010.
- PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, 2001.
- PENAFRIA, Manuela. **O documentarismo do cinema**. Uma reflexão sobre o filme Documentário. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-documentarismo-reflexao.pdf>, 2003.
- SANTOS, Ana Clara Campos dos; MUSSE, Christina Ferraz. Filmes de família: a intimidade representada. In: **Lumina, Juiz de Fora**, v. 10, n. 2, 2016.
- SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. Unesp, 1997.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Os Tempos da memória**: (des)continuidade e projeção. uma reflexão (in)atual para a história? Proj. História, São Paulo, (24), jun. 2002.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema**: da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: 2007.

TEDESCO, Marina Cavalcanti. Desnaturalizar a técnica: contribuições feministas para pensar a direção de fotografia cinematográfica. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 41, n.41, p.117-139, 2014

**FILMOGRAFIA**

ANTES de ontem. Direção de Caio Franco. Brasil, 2019, (6 min.).

CASA. Direção de Leticia Simões. Brasil, 2019, (90 min.).

NOME de Batismo- Frances. Direção de Tila Chitunda. Brasil, 2019, (16 min.).

TE guardo no bolso da saudade. Direção de Rosy Nascimento. Brasil, 2021, (11 min.).

TRAVESSIA. Direção de Safira Moreira. Brasil, 2017, (5 min.).

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - Logline

Uma neta realiza viagem ao estado do Piauí para conhecer e registrar a história de sua avó materna e sua avó paterna.

### APÊNDICE B- Argumento

O documentário apresenta uma abordagem sobre a história de vida de Dona Ananília e Dona Josefa, avós da diretora, Mariana. Através da combinação de dois formatos, entrevista com Dona Josefa e uso de imagem de arquivo unido a narração no formato de uma carta-áudio sobre avó Ananília, *in memorian*, para a mãe da diretora, Luiza.

### APÊNDICE C- Roteiro da Entrevista

Perguntas que foram feitas na realização da entrevista com Dona Josefa, que funcionaram como guia, algumas presentes no corte final do filme ou somente ponte para entendimento de questionamentos sobre temáticas já presentes e reforçadas.

- 1) Vó, onde a senhora nasceu?
- 2) Como foi sua infância em Santa Filomena?
- 3) A senhora foi feliz na sua infância? E juventude?
- 4) Como era viver em meio a tantas irmãs?
- 5) Como eram seus pais?
- 6) Como foi ter que casar tão jovem?
- 7) A mudança para Corrente foi uma boa mudança?
- 8) A senhora faz crochê a quanto tempo?
- 9) O que a senhora acha de ser mulher? Antigamente era bom? Hoje em dia é mais fácil?
- 10) Como a senhora se define? Em duas palavras: quem é você
- 11) A senhora acha bom ser mãe?
- 12) Imaginava que teria uma família tão grande? Tantos filhos?
- 13) Como eram feitos os registros antigamente, as fotos?
- 14) Vó, a senhora conheceu Vózinha vocês eram jovens? Crianças?
- 15) A senhora sabia que ela veio de mudança da Bahia fugindo da seca com a família?
- 16) Faz crochê há quanto tempo?
- 17) Gosta de fazer croche?

- 18) Quem te ensinou a fazer crochê?
- 19) O crochê te lembra algo
- 20) O que diria para sua eu de 18 anos?
- 21) Se fosse nos dias de hoje, casaria novamente?
- 22) Como definiria seus 60 anos de casada?
- 23) A independência da mulher é importante?

Entrevista com Tia Mariinha que auxiliou na construção do texto de narração para falar sobre Dona Ananília:

- 1) De onde veio a família de Vózinha?
- 2) Onde Vózinha e Vó Josefa se conheceram?

Imagens de locais importantes para história de Vózinha que guiaram a construção de narração onde serão respondidas perguntas anteriores a criação do filme:

#### **Rua da Casa de Vózinha**

- cena mostrando onde era a casa de plano aberto e próximo
- cena do orelhão plano

#### **Rua onde ela passava para ir até a igreja**

- cena da rua lateral da casa onde ela ia muito

#### **Beira do Rio Parnaíba**

- cena do rio e da canoa (que transporta pessoas) indo e vindo

### **APÊNDICE D- Lista de Equipamentos**

LISTA DE EQUIPAMENTOS		
SOM	VÍDEO	PRODUÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO
Gravador H6	Câmera canon t5i	HD 2t
Lapela sem fio sony	Lente 18-85mm	Fita crepe
Pilhas AA	Tripé de câmera	Caneta
Cartão de memória 32gb	Cartão de memória 64 gb	Caderno de anotação



Fone ouvido	Carregador canon	Notebook e computador
Cabo XLR	2 Baterias canon	

**APÊNDICE E - Roteiro Literário**

Dá lembrança  
por Mariana Leite

Mariana Leite  
mlmariana.ml@gmail.com

## 1- EXT- ESTRADA BRASÍLIA

Vê se uma estrada com muito fluxo de carros. Durante a transição entre o vídeo 1 e 2 começa a narração. Colocar som de ônibus e trilha sonora: Caminho dos Sertões Miguilim de Augusto Schwartz. Quando finalizar a fala finaliza a trilha sonora.

MARIANA  
(voice over)

Oi mãe, tô começando a viagem, saindo aqui de Brasília agora. A viagem é muito longa ainda, mas tô animada, acho que vai ser muito importante essa viagem e principalmente rever minha Vó Josefa e poder registrar tanto da história das minhas avós. Quando chegar no Piauí, amanhã, te aviso, beijo!

## 2- INT-STOP MOTION MAPA

Um mapa amarelo com as imagens dos estados do Distrito Federal e do Piauí com destaque para as cidade de Corrente e Santa Filomena sinalizados. Todo o mapa é feito de tecido e acessórios de costura.

## 3- EXT- ESTRADA DIVISA BAHIA E PIAUÍ

Estrada, divisa entre o estado da Bahia e Piauí, ponto de vista a partir do ônibus de viagem. Aqui pode colocar o som ambiente do ônibus, para ter ambiência da viagem.

## 4- EXT- JARDIM NA CASA DA AVÓ JOSEFA

Aparece o jardim e entra o áudio.

MARIANA  
Será quem está mais ansiosa com essa entrevista? eu ou minha vó? aqui onde as pareências se encontram e as diferenças se tornam ora pequenas, e outras enormes.

## 5- EXT- VARANDA CASA DA AVÓ JOSEFA

Vó Josefa fazendo crochê sentada em frente a câmera, olhando para câmera.

MARIANA (CONT'D)  
Vó, então nós vamos começar hein?

VÓ JOSEFA  
Município de Santa Filomena.

MARIANA  
Tá bom. Então eu quero que a  
senhora olhe rapidinho aqui para  
câmera, Vó, e quero que a senhora  
fale seu nome completo e sua idade.

VÓ JOSEFA  
É, pois é, meu nome chama Josefa  
Timote da Silva Lemos.

MARIANA  
Quantos anos a senhora tem, Vó?

VÓ JOSEFA  
Eu tenho 80 anos, estou dentro de  
81.

MARIANA  
Olha aí, é isso aí. Então nós vamos  
começar a nossa entrevista, tá  
bom? Aí pode ir fazendo seu  
crochezinho tranquila. Tá bom? Vó,  
aonde a senhora nasceu ?

VÓ JOSEFA  
Eu nasci num lugar que chamava  
Almesca.

MARIANA  
Fica perto da onde?

VÓ JOSEFA (CONT'D)  
No município de Santa  
Filomena.

MARIANA (CONT'D)  
Vó, e a senhora sabia que Vózinha e  
a família dela eles vieram da  
Bahia, e foi fugido da seca, a  
senhora sabia dessa história?

VÓ JOSEFA  
E foi? Foi da seca, ela que falou?

MARIANA  
Foi,vieram fugidos da seca, porque  
não tinha água, não tinha comida.  
Aí vinheram da Bahia, ela era bem  
pequeninha na época.Aí vinheram  
para o Piauí.

VÓ JOSEFA

Era porque justamente em 32 foi no tempo da seca. O Dito(Benedito, o marido) também nasceu nesse tempo. Ai a minha sogra tirava a raiz, não tinha arroz, nem milho, e nem tinha farinha, só tinha a carne. Mas tinha lá muito pau que comia, a fruta da Mucumã. Agora essa você tira ela de vez, tinha muita Mucumã lá. A bage dela é grandona, é inchada, não é seca não. Descasca ela, aí quando acabar pisa, e lava em nove águas, pra poder fazer o mingau para menino e cuscuz pra comer.

MARIANA

E aqui no Piauí a essa seca de 1932 não foi muito forte não, Vó?

VÓ JOSEFA

Foi, mas não foi como o Ceará não, e como na Bahia.

MARIANA

Se a senhora tivesse a oportunidade de falar com a senhora, a sua pessoa de 18 anos de idade, o que a senhora diria?

VÓ JOSEFA

Aos 18 anos de idade , eu estava trabalhando com enxada.

MARIANA

Com 18 anos de idade, o que a senhora diria? Se a senhora tivesse a oportunidade de voltar e com a sabedoria de hoje tivesse de dizer para a Josefa de 18 anos, o que a senhora diria?

VÓ JOSEFA

Ô minha irmã, larga esse rastro de enxada, e vai estudar. Eu estudei um mês e cinco dias. Vai, para poder pegar um serviço leve. Enxada não é coisa para mulher não, minha filha.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Eu ia para escola, levava a enxada e a cabaça d'água numa moita, e da escola da gente para ir era quase légua e meia(para roça), mais de uma légua.De lá(da escola) quando era 11h30 que encerrava (a aula).Apanhava a enxada e água ia pra roça. Só ia chegar lá em casa umas 17h30 quase 18h, e sem comer.

MARIANA

Fim do dia?

VÓ JOSEFA

Mas lá tinha um pau que a frutinha dele era dessa cor aqui ó(da linha de crochê) chamava Taperebá.Uma fruta assim(redonda).Doce, doce.Assim a gente dava aquela dentada boa, gostosa. Comia que enchia a barriga. E depois por conta do cheiro a gente abusou, cheirava muito. Quando ventava, aí a não aguentava o cheiro. Quando abusei levava um taco de rapadura com farinha, comia uma besteira para ir para roça, para 12h não ir em casa almoçar.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Mas eu sei pegar o carro(ônibus), sei soletrar por cima, mas não sei ler por cima não.  
Soletro a palavra.  
Sei assinar meu nome.

MARIANA

A senhora sabe dizer as letras que formam a palavra?  
E a senhora sabe assinar seu nome também?

MARIANA (CONT'D)

Vó, a senhora acha que é mais fácil ser mulher hoje em dia do que antigamente?

VÓ JOSEFA

Ó meninas, você acredita, eu falo uma verdade precisa. Se fosse minha própria vontade eu tinha nascido homem. Porque a vida é mais fácil. A mulher sofre muito. Ó lá o tanto de filho que a gente tem, o homem não tem. Se o homem tivesse só um, ele morria. (risos).

(MORE)

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Ele(homem) morria, não escapava, não. E mulher sofre, passa nove meses com aquele menino na barriga, aí vai ter aquela criança. Eu tive nove filhos, tudo de parto normal.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Não é brincadeira não.

Vó Josefa olhando para os carneirinhos.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Aquele cabritinho ali é mais velho que aquele, e aquele é mais peladinho, ó. Aquele ali já está com as pluminhas dele, nasceu bem cabeludinho dali vai ser bem cabeludinho. Todos os dois machos. É, o mais velho é aquele, mas é pouco.

MARIANA

Todos dois? Qual é o mais velho? Aquele de lá? Que é maiorzinho?

Vó Josefa fala sobre como aprendeu a fazer tricô e crochê. Imagens da entrevista intercaladas com imagens dela fazendo crochê e mostrando para a filha.

MARIANA (CONT'D)

Vó, a senhora ia lá pra aprender tricô? Novinha? Devia ter uns 14 anos? O que, mais nova?

VÓ JOSEFA

O crochê ela(a filha, Maria Célia) me ensinou. O tricô eu que ensinei ela. Aprendi com uma moça, era novinha.(aprendi a fazer tricô). Aprendi tinha uns 10 anos. Não fazia muito porque não tinha linha. Aí minha mãe fiava a linha fina e ficava do jeito de lá. Aí papai encomendava as tintas e tingia.

Aí fazia os sapatinhos para dar para as mulheres que estavam grávidas.

MARIANA

Vó, e o crochê a senhora já aprendeu?

VÓ JOSEFA

O crochê aprendi já, Maria célia era moça, ela aprendeu com uma amiguinha dela. Aí eu disse assim: "Maria Célia me ensina". Aí eu ensinei ela a fazer tricô, ficou grandinha, ainda era menina quando ensinei ela a fazer (o tricô).

Vó Josefa fala sobre fazer crochê ajudar a pensar melhor.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Quando eu faço isso aqui para poder espalhar a cabeça. Quando eu estou sem fazer(crochê)eu fico com a cabeça muito cheia, pensando coisa que não pode. Chega a cabeça até dói. Quando eu estou fazendo o crochê aí a cabeça espalha mais.

MARIANA

Fica pensando muito, é, Vó?

Vó Josefa conta como eram feitas as fotos-pinturas características da época.

MARIANA (CONT'D)

Como é que funcionava?

VÓ JOSEFA

Passou um cara [dizendo] "vamos tirar um fotinho, vamos" aí eu mandei, tinha uns grandes, mas era muito caro e não tinha dinheiro. Parece que aquele ali que fizemos nós pagamos 70 reais nessa época.[O fotógrafo disse] "pois então vamos fazer o pequeno".

Vó Josefa fazendo crochê, com o ponto de vista a partir do ombro.

6-EXT- ROÇA

É possível ver imagens da natureza.

Volta entrevista.



MARIANA

Se alguém perguntasse quem é a Josefa e a senhora tivesse que definir sem dizer "sou eu", com duas palavras ou uma frase, o que a senhora diria?

VÓ JOSEFA

Dizer quem era a Josefa?

MARIANA

É, se alguém perguntasse quem é você, mas a senhora quer dizer seu nome, ou dizer de quem a senhora é mãe ou de quem a senhora é filha. Qual palavra ou frase a senhora usaria?

VÓ JOSEFA

Eu poderia diminuir um pouquinho. (o crochê)

MARIANA

E aí, se a senhora tivesse que dizer, sem dizer "sou eu" ou "sou mãe de não sei quem", mas quem é a senhora? Como a senhora iria falar da senhora mesma?

VÓ JOSEFA

Estou como se diz, sem terra nos pés.

MARIANA

A senhora vai pensar um pouco, tudo bem.

MARIANA (CONT'D)

E da sua vida, vó, desses 80 anos de vida, a senhora mudaria alguma coisa? Nesses 80 anos de vida? Se a senhora pudesse mudar alguma coisa, voltar no passado, a senhora mudaria?

VÓ JOSEFA  
 Minha filha, eu falo verdade,  
 Se fosse uma coisa que eu  
 pudesse mudar, se fosse uma  
 coisa que dissesse assim vai  
 ficar moça de novo, eu não  
 casaria. Eu não casava. Eu  
 iria ficar trabalhando,  
 passeando e cuidando dos meus  
 pais, Era isso aí. Porque o  
 casamento é bom, e também não  
 é muito especial.

MARIANA (CONT'D)  
 Casava não?  
 A senhora faria o que no  
 lugar?  
 O que a senhora faria  
 diferente?

VÓ JOSEFA (CONT'D)  
 Se eu tivesse de casar, ia casar  
 com vinte e muitos anos. Eu me  
 casei nova, não tinha nem 20 anos.

MARIANA  
 A senhora imaginava? (uma família  
 tão grande quando era nova) Assim  
 que casou?

VÓ JOSEFA  
 Não, nem imaginava que ia ter  
 filho. Porque lá em casa a casa era  
 de palha e o vento destampou e  
 tinha um buraco (no telhado). Aí  
 mamãe teve um menino de noite, e  
 passou um avião por cima (da casa) a  
 hora que o menino (criança recém  
 nascido) chorou. Aí nós dissemos "ó  
 um bebê". Mamãe bateu na porta e  
 disse "vem ver minha filha, o avião  
 jogou o bebê". Ficava em cima da  
 cama dela (o buraco no telhado). Nós  
 pensávamos que o avião que jogava o  
 bebê. Eu dizia quando eu ficar moça  
 e eu casar, eu vou pedir um avião  
 para jogar um bebê para mim.

MARIANA  
 É mesmo, Vó? Não tinha a história  
 da cegonha, não? Era a história do  
 avião?

VÓ JOSEFA  
 Era!

MARIANA  
 Mas a senhora depois que casou  
 imaginava que ia ter nove filhos?  
 Tantos filhos assim?

VÓ JOSEFA

uhum uhum.

Vó Josefa fala sobre amor e família.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Papai dizia assim quando a gente dizia que amava "eita, vocês tem um amor roxo, minha filha". Eu amo muito minha família. Eu amo muito, muito.

MARIANA

Que bom, Vó, a gente ama a senhora também. Amamos muito a senhora.

MARIANA (CONT'D)

A senhora acha bom lembrar ou dá muita saudade de coisa muito antiga?

VÓ JOSEFA

Eu quando pego assim fico com muita saudade dos meus pais, demais. Da família toda, e do meu velho. Passamos quase sessenta anos juntos.

MARIANA

Foram bons os quase 60 anos, os 59 anos de casada? Como a senhora falaria?

VÓ JOSEFA

Foi bom, era companheiro, era o companheiro que a gente tinha.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Neto eu tenho 25, bisnetos quanto foi? (quantos bisnetos eu tenho)

MARIANA

Tem 11 bisnetos.

Sobre como Vó Josefa se define.

MARIANA (CONT'D)

Quem é a Josefa? Quem é a senhora? Suas características.

VÓ JOSEFA

Eu estou sem saber.

MARIANA

Quem é a senhora? Quem é essa mulher?

VÓ JOSEFA

Essa mulher trabalhou muito, casou, teve muitos filhos, e hoje tô aqui ainda de pé. É isso?

MARIANA

A senhora que sabe. Como é que a senhora se define?  
Eu diria que é uma mulher muito batalhadora.

VÓ JOSEFA

Isso, trabalhadora. Porque eu disse trabalhadora, trabalhei muito.

Sobre sonhos.

MARIANA

Teve muitos sonhos na sua vida, Vó?

VÓ JOSEFA

Não, eu tinha assim, quando eu era nova, pra mim andar de avião.

MARIANA

A senhora nunca andou, Vó, de avião?

VÓ JOSEFA

Andei, só uma vez. Do sítio aqui para o Corrente. 27 minutos.

MARIANA (CONT'D)

Foi bom?

Foi bom, eu achei bom.

Vó Josefa faz crochê e se mantém concentrada.

MARIANA (CONT'D)

A senhora, ficou sem palavras para falar sobre si mesma?

MARIANA (CONT'D)

Deixa eu ver, levanta aí para eu ver. A bolsa. Deixa eu ver como está. Olha tá bonita, hein, Vó?

VÓ JOSEFA

Amarelinha.

MARIANA

Num é? É bonita essa cor.

VÓ JOSEFA

Eu falo verdade, se fosse uma coisa, e a gente pudesse voltar e ficar moça, eu não casava mais, não. Eu ia só trabalhar, passear, e andar de avião muito. Era só isso.

MARIANA

Vó, vou lhe mostrar uma coisa que a senhora usa muito.

VÓ JOSEFA

E o que é?

Mariana entra em quadro e mostra para Vó Josefa o pente de Vózinha.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

Você trouxe de lá?(trouxe o pente de Brasília)

MARIANA

Sabe de quem era?  
Era de Vózinha.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

É mesmo?  
Ah meu Deus!

MARIANA (CONT'D)

Igual aos que a senhora usa, né?

VÓ JOSEFA

Igualzinho. Quer ver?  
O meu só é de outra cor.

Vó Josefa tira o seu pente do cabelo e coloca ao lado do pente que Mariana entregou e olha os dois, lado a lado.

MARIANA

Aí pentea o cabelo.

VÓ JOSEFA (CONT'D)

É pentea e prende.

MARIANA (CONT'D)

É uma boa lembrança, não é? Eu lembro de vocês duas quando eu vejo.

Vó Josefa mostra o trabalho de crochê.

VÓ JOSEFA

Ó aqui, ficou meio derreadinho assim, ficou ótimo não ficou?

MARIANA

Ficou, Vó. Bota aí como é que vai ficar por cima.

Vó Josefa levanta a bolsa de crochê e mostra para a câmera.

MARIANA (CONT'D)

Ê mais vai ficar bonita, Vó.

7-EXT- PLANTAÇÃO

Vó Josefa segura uma foto 3X4 dela quando jovem e olha para câmera sorrindo.

MARIANA

(voice over)

Eu fico pensando são tantas as semelhanças nos jeitos e trejeitos que eu vou percebendo cada vez mais entre a gente. Minha vó lembrando cada detalhe para contar uma história. E mesmo com as semelhanças, ainda assim a distância de muitos anos se faz presente nos tempos de vida. Quando minha vó era jovem era impensável que uma mulher não tivesse filhos, ou que primeiro fosse estudar e se formar, coisa que eu estou fazendo. Hoje em dia as mulheres conquistaram muitos direitos, ainda bem, podem estudar e ter filhos, caso queiram. Os objetivos são outros ou pelo menos os caminhos percorridos são diferentes. Algumas lutas permanecem iguais, outras em fases seguintes.

Vó Josefa arruma o cabelo, penteia e faz um coque. Termina a cena com ela olhando para a câmera.

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

Vó, a senhora que foi e segue sendo raiz para muitas pessoas, segue fazendo seu traçado todos os dias, a vida é construída todo dia e não é brincadeira não. Nossas conversas de sempre e essa em especial costuraram uma infinidade de descobertas.

## 8- INT- STOP MOTION MAPA

O Mapa mostra o caminho percorrido entre Corrente e Santa Filomena.

## 9-EXT- ESTRADA

Paisagem da estrada no caminho para Santa Filomena. Entra voice over no início.

MARIANA

(voice over)

Agora estou a caminho de Santa Filomena e é um tempinho sem sinal e na companhia das serras.

## 10-EXT- RUA DE VÓZINHA

Imagem da rua vazia, em sequência a esquina da casa. Aparece escrito no canto direito médio da tela: Vózinha.

MARIANA

(voice over)

Mãe, cheguei em Santa Filomena, estou na rua de Vózinha. Revendo a cidade olhando com atenção onde andávamos, depois de tantos anos, na minha memória a proporção das ruas pareciam tão grande, agora que cresci as ruas são de tamanhos normais rs.

Inserção de foto de Vovô na entrada da casa de Vózinha. Depois imagem de como o espaço está agora sem a casa, somente o lote vazio com árvores. O áudio já entra na transição entre a foto e o vídeo.

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

Me deu uma saudade imensa quando cheguei onde era a casa de Vózinha, casa que acolheu tanta gente, e agora a única memória visual que temos é aquela foto com meu avô na entrada. Onde antes era aquela enorme casa só restou as mangueiras e matos, a esquina ficou vazia. Mas as memórias enchem. Olhando ali consegui ver Vózinha saindo pra ir na capela ou ir caminhar pela cidade.

Aparece imagem de água corrente. E logo em seguida inserção de foto onde aparece Vó Josefa e Vózinha

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

Descobri tantas coisas, descobri o nome da cidade onde Vózinha nasceu, na região do Brejo da Serra na Bahia, conversando com a tia Mariinha, sua prima querida. Fazia tempo que eu não a via, e quando falamos sobre de onde originou essa família enorme, o começo mesmo de tudo, ela me contou. Foram muitas mudanças, mas a seca de 1932 foi um marco que fez muita gente mudar, inclusive a família de Vózinha que chegou em terras piauienses, ficando pé.

MARIANA (CONT'D)

Descobri também que Vózinha conheceu minha Vó Josefa, quando elas eram bem novas, e moravam ali na Cachoeira e na Onça, os nomes de antigamente eram ótimos. Me alegra tanto saber que elas se conheceram jovens. Mostrei para Vó Josefa o pente de Vózinha de fazer coque, além de muitas conexões que elas tinham, esse objeto em comum. Vontade de promover essa conversa em como anos depois da filha mais nova de Vózinha e o um dos filhos da avó Josefa se casaram, essa amizade lá atrás dava para imaginar que essa família ia se conectar? Eu tô aqui, a conexão dessa amizade segue aqui. Deu uma saudade imensa, enquanto conversava com minha vó. É sempre uma saudade constante essa saudade de vó.

Imagens do Rio Taquara.

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

Conheci o Rio Taquara, o rio que a senhora comentou de quando durante a infância moravam na Barra da Aldeia. Fiquei imaginando a Luiza criança igual um peixinho aproveitando aquele rio.



## 11-EXT- RUA DE VÓZINHA E PROXIMIDADES

Imagem do orelhão a partir do ponto de vista de onde era a casa de Vózinha.

MARIANA

(voice over)

Vontade de ligar pra Vózinha pelo orelhão e torcendo pra alguém conhecido atender e ir chamar ela, para falar coisas triviais como o que aconteceu na novela ontem.

Imagem em movimento caminho em direção à Capela. Mostra a fachada da Capela. Logo em seguida a inserção da foto de Tia Gracinha com Vózinha no centro da tela.

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

A cidade anda diferente, a esquina onde era a casa de Vózinha tá muito mais silenciosa, e a capela está ali pertinho do mesmo jeito, agora ainda mais estruturada, azul e branca, fui lá com Tia Gracinha(foto na pasta a partir do 1º corte), ela me mostrou a capela e depois ficamos recordando a parceira de vocês delas que era como de mãe e filha.

Imagem de video-foto intervenção com foto de Vózinha. Logo em seguida foto de Vózinha com Vovô e o rio Parnaíba ao fundo.

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

Vózinha foi e segue viva em cada um de seus 18 netas e netos, frutos dos 3 filhos e 2 filhas. Uma união de mais de 40 anos que hoje reverbera em bisnetos que já são 20.

Vózinha que estudou poucos meses na escola, mas que tinha uma filosofia de fazer o bem a quem tivesse necessidade. Muitas e muitas vezes presenciei a Vózinha acolhendo e ajudando desconhecidos em sua casa, dando d e comer e beber.

Inserção de foto 3x4 de Vózinha. E voice over em seguida.

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

Quem é Ananília? Uma batalhadora,  
que plantou e colheu muito bem na  
roça e na vida.

12-EXT- BEIRA DO RIO PARNAÍBA

MARIANA

(voice over)

Eu lembrei muito dos banhos de rio  
depois do almoço, como eram  
aguardados esses momentos.  
Tentei lembrar de Vózinha banhando  
de rio com a gente, mas essa  
memória não veio, veio só quando  
pegávamos a canoa para atravessar o  
rio Parnaíba que fez parte da  
infância que a senhora lembra com  
carinho. Revendo o rio me lembrei  
de todas as memórias que tenho, os  
almoços já pensando no passeio de  
canoa ou no banho de rio mesmo que  
na beirinha.

Imagens do Rio Parnaíba e pôr do sol.

MARIANA (CONT'D)

(voice over)

Mãe, eu sei que a saudade grande  
não é só minha, é compartilhada por  
muitos.  
Depois dessa viagem, vou falar como  
diria Vózinha "Dá lembrança", eu  
sigo dando lembrança por onde  
passo, uma lembrança viva e cheia  
de garra como Vózinha, e com uma  
saudade imensa. Dessa vez mando  
lembrança a senhora e já já tô  
chegando.

13- STOP MOTION MAPA COMPLETO

O stop motion do mapa completo se desfazendo. Aparece o nome  
do filme "Dá lembrança" no centro da tela. Sobre créditos com  
trilha sonora: Lamento Sertanejo.

FIM